Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e

de Matemática e Ciências Naturais no 2.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II, III e IV

Relatório de Estágio Profissional

Patrícia Maria Fernandes Barbosa Teixeira

Lisboa, maio de 2018

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e

de Matemática e Ciências Naturais no 2.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II, III e IV

Relatório de Estágio Profissional

Patrícia Maria Fernandes Barbosa Teixeira

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Mestrado do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Matemática e Ciências Naturais do 2.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação da Professora Doutora Ana Teresa da Silveira-Botelho

Lisboa, maio de 2018

Escola Superior de Educação João de Deus

Parecer do/a Orientador/a

Orientador/a (nome completo) Ana Teresa da Silveira - Botelho

coorientador/a (nome completo) ——

tendo presente o Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada desenvolvido pelo/a licenciado/a, Patrícia Maria Fernandes Barbosa Teixeira

realizado no âmbito do Mestrado Profissionalizante (2º Ciclo de Estudos) em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e da Matemática e Ciências Naturais no 2.º Ciclo do Ensino Básico,

considero que se trata de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado. Nestes termos, solicito à Comissão de Mestrados do Conselho Técnico-Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respetivo Relatório de Estágio apresentado pelo/a candidato/a.

Lisboa, 19 de abril de 2018

O/A Orientador/a

Teresa da Silveira Botelho
(Assinatura)

Av. Álvares Cabral, 69 • 1269-094 LISBOA ☎ 21 396 81 54 • Fax: 21 396 71 83 • E-mail: ese@escolasjoaodeus.pt • www.joaodedeus.pt

Agradecimentos

O presente relatório não teria sido possível sem a colaboração de muitas pessoas que ao longo de muitos anos me acompanharam, apoiaram e motivaram. Por esse motivo, queria deixar, desde já, os meus agradecimentos.

Agradeço a todos os meus professores que ao longo desta etapa da vida me acompanharam, pois demonstraram entusiasmo, disponibilidade, amizade e dedicação, contribuindo para o meu desenvolvimento enquanto estudante e futura docente. Em particular à minha orientadora que esteve sempre ao meu lado para me ajudar e corrigir.

À minha primeira amiga e colega de estágio, Rute Costa, agradeço a grande e sincera amizade nesta etapa da nossa vida e o seu apoio, pois sem ela não seria possível continuar em frente neste trabalho.

A todas as restantes colegas de turma, nomeadamente à Patrícia Paixão, Ana Filipa Robalo, Cláudia Cardoso e Débora Pires, por toda a amizade e dedicação que demonstraram para comigo ao longo destes anos.

À Dra. Sofia Falcão, responsável pela biblioteca da Escola Superior de Educação João de Deus (ESE JDeus) pela ajuda e paciência ao longo do meu curso de mestrado.

Às crianças, que foram minhas durante algumas manhãs de aulas, pois sem eles nada disto seria possível.

Aos meus pais, pelo excelente e interminável esforço para me verem feliz.

Ao meu irmão, que sempre me deu apoio para continuar em frente.

Ao David Pinto e ao José Pedro Silva, meus grandes amigos, que estiveram presentes nos bons e maus momentos e que sempre se disponibilizaram para me ajudar no que fosse necessário.

A todos vós, muito obrigada!

Resumo

Este relatório de Estágio Profissional foi realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada. O estágio, ao longo de dois anos, foi vivenciado nos Jardins-Escolas João de Deus, no 1.º Ciclo do Ensino Básico e numa Escola Pública de Lisboa, no 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Ao longo destes dois anos pude observar as vivências/práticas diárias destas escolas onde estive, nomeadamente do 1.º ao 4.º ano de escolaridade e, no 5.º e 6.º anos de escolaridade.

A elaboração deste relatório torna-se essencial para mim pois permite-me, enquanto futura docente, refletir sobre todas as experiências educativas em que intervim e observei, aprendendo diversas estratégias e metodologias de trabalho.

Este trabalho de investigação é necessário para completar este ciclo de estudos pelo que o mesmo se torna um elemento fundamental e determinante.

Este trabalho segue uma abordagem metodológica qualitativa cuja pesquisa se baseia nas observações realizadas em contexto de estágio e na análise documental.

Assim, é através do Estágio Profissional que é possível enriquecer as nossas aprendizagens, estabelecer uma ligação entre a teoria e a prática e, ao mesmo tempo, desenvolver e ir construindo a nossa identidade enquanto futuros docentes.

Palavras-chave: Prática de Ensino Supervisionada, Estágio Profissional, Método Qualitativo, Observações, Planificações, Avaliações.

Abstract

This professional intership report was carried out in the scope of practice of Supervised Education. The stage, over two years, was experienced in the Schools João de Deus, on the first Cycle of Basic Education and a public school of Lisbon, on the second Cycle of Basic Education.

Over these two years I observed the experiences/daily practices of these schools where I've been, in particular the 1st to 4th grade level and, at 5 and 6 years of schooling.

The preparation of this report it is essential to me because it allows me, as a future teacher, reflect on all the educational experiences in which intervened and watched, learning several strategies and methodologies of work.

This research work is required to complete this cycle of studies by the same becomes a fundamental element and determinant.

This work follows a qualitative methodological approach whose research is based on observations in context and in the documentary analysis.

Thus, it is through professional training that is possible to enrich our learning, establish a link between theory and practice and, at the same time, develop and go building our identity while future teachers.

Keywords: Supervised Teaching Practice, Traineeship, Qualitative Method, Observations, Plannings, Evaluations.

Índice Geral

Índice de Figuras

Índice de Quadros

Introdução

Este Relatório de Estágio Profissional surge no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada na qual realizei o Estágio Profissional I, II, III e IV, da Escola Superior de Educação João de Deus (ESE JDEUS). Este traduz as vivências/práticas observadas no estágio profissional ao longo do Mestrado, tendo como duração dois anos letivos (2010/2011 e 2011/2012).

No decorrer do primeiro ano de mestrado, o estágio foi realizado em dois Jardins-Escolas João de Deus de Lisboa. O período de estágio decorreu sempre entre as 9h e as 13h, ao longo de três dias semanais, sendo à segunda, terça e sexta-feira. No que diz respeito ao segundo ano de mestrado, o mesmo foi dividido em dois períodos, um para o 2.º Ciclo do Ensino Básico e outro para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, no 4.º ano. O estágio no 2.º Ciclo foi realizado na zona ocidental de Lisboa, numa escola pública, nomeadamente numa turma de 5.º ano e em diferentes turmas de 6.º ano, durante dois dias semanais, à terça e sexta-feira, seguindo o horário das respetivas turmas em blocos de 90 minutos, nas áreas curriculares de Matemática e Ciências da Natureza.

Durante os dois anos de estágio existiram três momentos distintos. O primeiro momento diz respeito ao Estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico; O segundo momento diz respeito ao segundo ano de mestrado, que se encontra repartido em dois momentos, o Estágio no 2.º Ciclo do Ensino Básico e, posteriormente, o Estágio no 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, onde realizei a minha Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional.

Identificação e Contextualização do Estágio

Durante o primeiro ano de mestrado, o estágio realizou-se no 1.º Ciclo do Ensino Básico, desde o dia 12 de outubro de 2010 até ao dia 4 de julho de 2011, seguindo a seguinte ordem: 1.º ano, 2.º ano, 3.º ano e 4.º ano de escolaridade, efetuado num Jardim-Escola João de Deus de Lisboa. No segundo ano de mestrado, que está repartido em dois momentos, o Estágio no 2.º Ciclo do Ensino Básico decorreu entre 27 de setembro de 2011 e 23 de março de 2012, numa escola pública de Lisboa. O estágio no 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico decorreu entre 10 de abril de 2012 e 22 de junho de 2012, noutro Jardim-Escola João de Deus de Lisboa. Durante este período de

estágio ainda foram vivenciados dois momentos de estágio em regime intensivo com a duração de três semanas, nos Jardins-Escolas de Lisboa.

Neste relatório de estágio profissional vão constar os relatos de observações efetuadas, de aulas preparadas pela professora cooperante e colega de estágio e relatos planificados por mim. Este trabalho é constituído por uma introdução, registos do estágio profissional (relatos diários, planificações, dispositivos de avaliação), uma proposta de projeto e termina com as considerações finais. A introdução do relatório dá a conhecer os locais de estágio por onde estagiei, a forma como está organizado o relatório, a importância da elaboração do mesmo, a identificação do grupo de estágio, a metodologia a ser utilizada, a pertinência da realização do estágio e o cronograma ilustrativo do tempo de estágio.

O primeiro capítulo está dividido por secções, que correspondem aos dez relatos que irei apresentar: três relatos de aulas planificadas por mim e sete relatos de aulas observadas. No seguimento da apresentação de cada um dos relatos será apresentada uma reflexão sobre o que foi observado com as respetivas inferências e fundamentação teórica.

No segundo capítulo são apresentadas oito planificações de aulas lecionadas no 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico. Para tal, é feita uma pequena introdução sobre a descrição deste capítulo e respetiva fundamentação teórica, dando relevância à importância da elaboração de planificações, na profissão docente. Encontram-se assim planificações relativas ao 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, sendo que, no que toca ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, estão presentes planificações nas áreas da Matemática, Português e Estudo do Meio. Relativamente ao 2.º Ciclo do Ensino Básico estão presentes planificações nas áreas da Matemática e das Ciências da Natureza.

O terceiro capítulo refere-se aos dispositivos de avaliação num total de quatro, assim são descritos alguns modelos de avaliação. Para o 1.º Ciclo do Ensino Básico são apresentados dois dispositivos de avaliação, referentes às áreas curriculares de Matemática, Português e Estudo do Meio. Para o 2.º Ciclo do Ensino Básico são apresentados dois dispositivos de avaliação, nomeadamente nas áreas da Matemática e Ciências da Natureza.

No último capítulo será apresentada uma proposta de projeto a realizar com crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos de idade.

No final é apresentada uma reflexão acerca de todo o percurso efetuado durante os dois anos de mestrado, fazendo referência às dificuldades sentidas e explicando a

contribuição do estágio para a formação profissional. Para finalizar o relatório serão apresentadas as referências bibliográficas consultadas ao longo da realização do relatório e alguns anexos.

A elaboração deste relatório é algo importante para o futuro profissional, mas também porque permite que se faça uma autorreflexão daquilo que foram as dificuldades ao longo de dois anos de mestrado. Este é também um requisito essencial para a conclusão deste ciclo de estudos, o mestrado, e um documento fundamental para que possa exercer, futuramente, a profissão de docente. Durante este estágio foi importante aprender diversas estratégias e metodologias de trabalho, observar realidades diferentes, consolidar conhecimentos e tirar conclusões. Assim, como futura docente, terei a capacidade de saber como atuar, em sala de aula, com as situações que possam ocorrer. De acordo com Alarcão e Tavares (2003), "ensinar os professores a ensinar deve ser o objetivo principal de toda a supervisão pedagógica" (p. 34), devendo a mesma ser levada a cabo por professores com experiência e competência demonstrada ao longo do seu percurso profissional.

Este estágio contribuiu para melhorar a minha formação como futura professora, com a ajuda de todas as professoras cooperantes, equipa de supervisão e colega de estágio. Segundo Alegria, Loureiro, Marques e Martinho (2001) para o incremento da qualidade da formação de professores, a atenção dada à Prática Pedagógica assume um papel decisivo. "(…) o ano de formação prática reveste-se, assim, de importância fundamental, por proporcionar aos estagiários condições para exercer numa escola, em contexto real, as funções de professor, as quais são acompanhadas de perto pelos orientadores locais" (p. 55). Este relatório permite ainda refletir acerca do trabalho desenvolvido ao longo dos dois anos de mestrado e permite tornarmo-nos críticos do nosso trabalho, para que, mais facilmente se possa corrigir ou melhorar algo que não correu bem.

Segundo Korthagen, referido em Flores e Simão (2009),

> Os alunos, futuros professores refletem sobre o seu pensamento, sentimento, desejo e ação, e também sobre os mesmos aspetos nos seus alunos. O objetivo desta reflexão é torná-los mais conscientes sobre a forma como são orientados por alguns sinais durante o seu ensino, incluindo sinais vindos de dentro da pessoa, tais como sentimentos de irritação ou de precipitação (…). Além disso, consideramos o desenvolvimento de uma tomada de consciência dos sentimentos como um pré-requisito necessário para se tornar um professor empático (pp. 48-49).

É importante salientar que o rigor científico também foi uma mais-valia para a realização do relatório, pois foi efetuada uma pesquisa bibliográfica exaustiva de

autores, os quais contribuíram para a evolução da ciência da educação, sem a qual não seria possível fundamentar, cientificamente, as aulas dadas e refletir acerca das situações observadas ao longo de todo o estágio. Esta pesquisa contribuiu assim para o meu enriquecimento pessoal, como futura docente.

Perrenoud (1993, p. 118) afirma que se deve "privilegiar uma formação de tipo clínico, isto é, baseada na articulação entre prática e reflexão sobre a prática". A prática pedagógica contribui para uma formação mais consistente pois permite articular a teoria e a prática, trabalhando-se com base em situações reais e, quando necessário, desenvolver estratégias que se insiram no contexto em que estamos a trabalhar.

Os Estágios Profissionais são fundamentais para o exercício da profissão de professor, permitindo o desenvolvimento de competências fundamentais à ação educativa (ser, aprender a ser e aprender a fazer). Segundo Delors (1996):

> Aprender a fazer não pode, pois, continuar a ter o significado simples de preparar alguém para determinada tarefa material (…). As aprendizagens devem evoluir e não podem mais ser consideradas como simples transmissão de práticas mais ou menos rotineiras, embora estas continuem a ter um valor formativo que não é de desprezar (p. 80).

Estas competências são imprescindíveis para a construção do conhecimento das dinâmicas em contexto educativo, bem como para apropriar o conhecimento à aprendizagem das crianças. Assim, os estágios privilegiam o contacto direto entre estagiários, alunos, professores, supervisores e outros.

Conforme refere Delors (1996):

> A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa (…). Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autónomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida (pp. 85 e 86).

Ao professor cabe a função de desempenhar os mais variados e complexos papéis, não se limitando apenas aos problemas de sala de aula, mas também à escola e à comunidade onde está inserido.

No decorrer dos dois anos de estágio profissional, o grupo de estágio foi composto por dois elementos, eu e o meu par de estágio, mantendo-se sempre inalterável até ao final. Desde o 1.º ano de Licenciatura que trabalhámos em grupo, sempre que possível, pois pertencíamos à mesma turma, sendo assim mais fácil para nos ajudarmos mutuamente, trocarmos impressões e ideias, planear estratégias e esclarecer dúvidas. Por trabalharmos sempre como grupo, disponibilizamo-nos para colaborar

também durante as observações e atividades no decorrer do estágio profissional. Para Korthagen (2001), citado em Flores e Simão (2009), deve-se promover a aprendizagem reflexiva assistida por pares pois o apoio destes é muitas vezes mais eficaz para promover a reflexão dos estudantes, do que as tentativas de formadores de professores, preparando-os para uma aprendizagem profissional contínua com os colegas.

A metodologia utilizada foi a metodologia de investigação qualitativa, na qual se inserem vários instrumentos de recolha de dados como a análise documental e a observação. A investigação qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994), agrupa várias estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa que são ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas e de complexo tratamento estatístico.

Como referem os autores indicados anteriormente "em educação, a investigação qualitativa é frequentemente designada por naturalista, porque o investigador frequenta os locais em que naturalmente se verificam os fenómenos nos quais está interessado, incidindo os dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas: conversas, observar, comer, etc." (p. 117). A abordagem qualitativa encara a mudança, através dela, os professores podem melhorar a sua eficácia, o seu profissionalismo e caminhar para a escola de excelência, se forem mais sistemáticos na escrita das suas experiências, se escrevem as anotações observáveis, se transformarem as conversas em recolha de informação útil. Bogdan e Biklen (1994) dizem:

> A mudança é uma coisa séria porque o objetivo é sempre o de melhorar a vida das pessoas (…). Caso desejemos que a mudança seja efetiva, temos que compreender a forma como os indivíduos envolvidos entendem a sua situação (…). A ênfase na visão pessoal e a preocupação com o processo permitem ao investigador antecipar as dificuldades inerentes à mudança. A orientação qualitativa permite ao investigador lidar com os participantes na mudança (…) (p. 265).

A investigação qualitativa em educação assume muitas formas e é conduzida em múltiplos contextos. A abordagem a esta investigação não é feita com o objetivo de responder a questões prévias ou de testar hipóteses. Essencialmente, dá significado à compreensão dos comportamentos a partir da perspetiva dos sujeitos de investigação. Em relação ao estágio, este deve servir como preparação e proporcionar diferentes e novas experiências aos estagiários. Ao envolvermo-nos no contexto escolar, a partir do contacto com professores e alunos diversos, é possível realizar atividades que aumentem a nossa capacidade de reflexão, possibilitando a formação de profissionais críticos e ativos perante a sociedade. O estágio proporciona assim a participação, reflexão e

conquista de espaço, dentro do contexto escolar. Durante a prática pedagógica devemos proceder ao estudo e interpretação de realidades educativas e desenvolver atividades relativas à docência, em espaços escolares e não escolares, de modo a podermos ganhar experiência. Através da observação e participação ativa conseguimos ser reflexivos, críticos e, mais tarde, bons profissionais. Peterson (2003) faz uma reflexão sobre:

> Nesta ordem de ideias, concebe-se a prática pedagógica como um exercício excelente e abrangente que possibilita ao aluno, futuro professor, (…) verificar, descobrir, interrogar e aplicar as teorias adquiridas ao longo da sua formação. Assim, a prática pedagógica deve consistir em atividades que passam das observações dos factos pedagógicos, psicológicos, (…) para ensaios e realizações pessoais através (…) das aulas propriamente ditas, dadas e comentadas pelos alunos, numa avaliação e auto-avaliação integrada e permanente sob a orientação do formador ou coletivo de formadores (p.67).

Só através do estágio, uma realidade concreta e complexa, será possível alcançar a noção prática, enriquecer o conteúdo teórico e estimular o desenvolvimento de uma identidade docente.

Calendarização e Cronograma de Estágio

Na Prática de Ensino Supervisionada os Estágios Profissionais I, II, III e IV foram repartidos em dois momentos distintos ao longo do mestrado. O primeiro momento diz respeito ao primeiro ano de mestrado (2010/2011), que se realizou no 1.º Ciclo do Ensino Básico. O segundo momento, dividido este em dois setores, refere-se ao segundo ano de mestrado (2011/2012), realizado no 2.º Ciclo do Ensino Básico e no 1.º Ciclo do Ensino Básico (4.º ano), posteriormente. Relativamente aos dois anos de mestrado, foi elaborado um cronograma, representado em baixo, no quadro 1.

Quadro 1 – Cronograma dos locais de estágio dos dois anos de Mestrado

			Jardim-Escola 1					**Escola Pública**		**Escola Privada**	**Jardim-Escola 2**
Período de Estágio	Anos letivos	Períodos em meses	Bibes/Anos escolares					Anos escolares		Ano escolar	Bibe/Ano escolar
			1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano	Estágio Intensivo - 3.º ano	5.º ano	6.º ano	Estágio Intensivo - 6.º ano	4.º ano
	2010/2011	12 Out. - 29 Nov.	x								
		30 Nov. - 11 Fev.		x							
		14 Fev. - 15 Abr.			x						
		28 Fev. - 04 Mar.					x				
		02 Mai. - 01 Jul.				x					
	2011/2012	26 Set. - 23 Mar.						x	x		
		27 Fev. - 02 Mar.								x	
		10 Abr. - 22 Jun.									x

1. Registos do Estágio Profissional

Ao longo deste capítulo irei apresentar dez relatos diários de aulas e atividades observadas/planificadas ao longo dos dois anos de Mestrado. Estes serão apresentados por ordem cronológica de acordo com a realidade vivenciada e, serão devidamente inferidos e fundamentados cientificamente, de uma forma clara e concisa.

1.1. Relatos Diários

Ao longo do período de estágio no 1.º Ciclo, durante o primeiro ano de Mestrado, realizei 93 dias de estágio, nos quais estão incluídos os dias de estágio intensivo. À medida que for apresentando cada relato farei as minhas inferências e fundamentarei cientificamente sempre que necessário.

1.1.1. 1.º Relato (1.º Ano)

Para se poder compreender o contexto da observação/planificação deixo uma breve contextualização do grupo/turma onde foi feita a observação da aula que a professora cooperante desenvolveu.

Quando se inicia a manhã, na chegada à sala de aula, cada criança coloca o livro de leitura em cima da mesa e começa a preparar a leitura da lição, que levou para casa no dia anterior. Normalmente, e de acordo com o horário desta turma, durante a manha são trabalhadas as áreas curriculares de Português e Matemática entre as 9h e as 11h da manhã. Entre as 11h e as 11h30, é feita uma pequena pausa para os alunos comerem o lanche da manhã e brincarem livremente. No regresso, as crianças retomam o que estavam a fazer antes do recreio, até às 13h, hora em que vão almoçar.

A turma segue sempre esta rotina, sendo seguida pela professora da sala de aula, sendo este um papel de extrema importância, para o desenvolvimento da criança. Segundo Zabalza (1998) "as rotinas atuam como organizadores estruturais das experiências quotidianas (…). O quotidiano passa, então, a ser algo previsível, o que tem efeitos importantes sobre a segurança e autonomia" (p. 52).

O horário do primeiro ano está estipulado entre as 9h e as 17h, como podemos observar no Quadro 2, mas as observações realizadas, apenas foram feitas durante a manhã, entre as 9h e as 13h.

Quadro 2 – Horário do 1.º ano

Dias / Horas	2.ª	3.ª	4.ª	5.ª	6.ª
9h / 10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h / 11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h / 11h30	**Recreio da manhã**				
11h30 / 12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h / 12h50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Música	Educação Física
13h / 14h30	**Almoço e recreio**				
14h30 / 15h20	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Área de Projeto	Computadores	Inglês
15h20 / 16h10	Estudo Acompanhado	Biblioteca	Formação Cívica	Expressão Plástica	Estudo do Meio
16h10 / 17h	Jogos de Matemática	Estudo Acompanhado	Estudo do Meio		Assembleia de turma

O acolhimento das crianças nos Jardins-Escola é feito entre as 9h e as 9h30, onde todos os alunos se agrupam no salão ou num dos recreios, consoante as condições climatéricas, por cor dos bibes, sendo feita uma roda onde constam todos os alunos, professores e estagiários que fazem parte da instituição.

Segundo Zabalza (1998, p. 194) a roda "é um excelente momento para proporcionar à criança oportunidades de realizar experiências-chave de desenvolvimento sócio emocional, representação, música, movimento, etc". Essa roda está sempre organizada por faixas etárias, encontrando-se o grupo dos 3 anos ao centro, de seguida, do centro para o exterior, o grupo dos 4 anos e o grupo dos 5 anos, seguindo-se os restantes alunos do 1.º Ciclo: o grupo do 1.º ano, o grupo do 2.º ano, o grupo do 3.º ano e o grupo do 4.º ano.

O acolhimento das crianças é realizado todos os dias desta forma e são cantadas canções, terminando sempre com o Hino dos Jardins-Escola João de Deus. Os recreios são sempre realizados entre as 11h e as 11h30, sendo o recreio da manhã o primeiro do dia. Após a pausa para almoço, as crianças têm outro recreio, onde podem interagir com outras crianças e brincar todos juntos, partilhando experiências.

Segundo o Ministério da Educação (2002a):

> (…) o espaço educativo não se limita ao espaço imediato partilhado pelo grupo; situa-se num espaço mais alargado – o estabelecimento educativo – em que a criança se relaciona com outras crianças e adultos, que, por sua vez, é englobado pelo meio social, um meio social mais vasto (p. 39).

As professoras e estagiárias acompanham as crianças durante o momento do recreio, alternando entre si o tempo de descanso. Estas pausas são essenciais para o descanso do aluno e para o seu bom desempenho em sala de aula, como nos refere Hohmann e Weikart (1997), uma vez que:

> (…) as brincadeiras de exterior levam a uma maior socialização, uma vez que os alunos se juntam para realizar o mesmo tipo de atividades, a uma representação criativa, a um desenvolvimento da linguagem e literacia, a uma iniciativa e a relações interpessoais, ao movimento, à música, à noção de espaço e de tempo (pp. 432-433).

Após o término das canções da roda no início da manhã, os alunos são levados até à casa de banho, pela respetiva professora. Este é um hábito que se repete ao longo do dia, acontecendo no início da manhã, antes e depois dos recreios, após o recreio do almoço e após a hora do lanche.

Este é um hábito muito importante e conforme a Organização Curricular e Programas do Ministério da Educação (2004) há a necessidade de assegurar a criação de

condições próprias "ao conhecimento e aquisição progressiva das regras básicas de higiene pessoal e coletiva" (p. 15).

A higiene diária é muito importante na vida de uma criança, pois cria hábitos e rotinas que devem ser adquiridos pelas crianças para a sua própria autonomia e para a sua inserção no dia-a-dia. Cordeiro (2007) afirma que "o momento da higiene é deveras importante (…). Variando muito de criança para criança (e de idade para idade) há um elo comum: o desenvolvimento da autonomia" (p. 373).

O almoço realiza-se na cantina, sendo que as crianças do Pré-Escolar são as primeiras a almoçar, seguindo-se as crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Cordeiro (2007) afirma que "o almoço serve para alimentar (…), também para criar uma maior autonomia (…), saber estar à mesa, respeito pelo ritmo do grupo, mesmo que com variações pessoais, e noções de alimentação e nutrição" (p. 373). A seguir ao almoço as crianças dirigem-se para o recreio, para brincar, sendo este feito no pátio exterior ou no interior das instalações, dependendo das condições climatéricas, como já tinha sido referido anteriormente.

Este dia de estágio iniciou-se com a aula de Matemática na qual a professora introduziu o conceito do "dobro" e da "metade", com o material estruturado *Cuisenaire*.

Para começar, as crianças manipularam o material estruturado, como se vê na figura 1, de modo a relembrarem as cores e os valores das peças desse material, posteriormente a professora foi dando as indicações certas para os alunos realizarem o "dobro" de um número com as peças do *Cuisenaire* e de seguida a "metade" de um número.

Figura 1 – *Material Cuisenaire trabalhado em sala de aula*

Após os exercícios com as peças, quer do "dobro" quer da "metade", os alunos preencheram uma folha com exercícios acerca das peças do *Cuisenaire*, pintando-as. Para concluir o conteúdo abordado, a professora realizou algumas situações problemáticas, nas quais os alunos efetuaram no lugar com o material e também no quadro, corrigindo-as de seguida.

Para concluir a manhã, a professora abordou o sentido da audição na área do Estudo do Meio. Para isso falou com os alunos acerca do tema e realizou uma atividade na qual os alunos teriam de ouvir vários sons, tentar identificá-los nas imagens fornecidas, recortar as imagens e colá-las pela ordem dos sons ouvidos. Com esta atividade ficou completa a manhã.

O material *Cuisenaire* é ótimo para o desenvolvimento da lógica matemática e, também para o desenvolvimento sensorial da criança. As peças são feitas de um material de fácil manipulação e diferentes cores, de forma a estimular a criatividade e a experimentação.

Segundo Alsina (2004, p.34), "as barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para aquisição progressiva das competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental (…) para introduzir e praticar as operações aritméticas".

Assim, com este material torna-se muito mais fácil realizar todas as operações pretendidas, não esquecendo que este material foi concebido principalmente como instrumento de descoberta nas mãos dos alunos.

Para Serrazina (1991, pp. 37-39), as "investigações têm constatado que os estudantes que utilizam materiais manipulativos na construção de conceitos têm melhores resultados, que os que não o fizeram pois, os alunos são indivíduos ativos que constroem, modificam e integram ideias a interrelacionar com o mundo físico, os materiais e os seus colegas".

Os professores terão assim muita importância na aprendizagem dos alunos, pois ao conhecerem as potencialidades e a utilização dos materiais manipulativos serão capazes de utilizá-los nas suas aulas de uma forma correta e de maneira a que os alunos tenham um papel ativo, adequado e reflexivo na construção do saber. O uso de materiais é fundamental neste nível de ensino. Como referem os programas "na aprendizagem da Matemática, como em qualquer outra área, as crianças estão enormemente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição. Neles, a criança deverá encontrar resposta à sua necessidade de exploração, experimentação e manipulação" (Ministério da Educação, (M.E.), 2004, p.168).

O professor pode aproveitar muito bem os materiais, desde que os alunos realmente os manipulem e saibam para que serve tal material. Não seria a mesma coisa se o professor manipulasse o material e os alunos estivessem apenas a observar. Conforme indicação do M.E. (2004) o material a ser utilizado poderá ser "o próprio

corpo; material disponível na sala de aula: lápis, caixas, papéis, mesas, etc.; material não estruturado recolhido pelos próprios alunos e pelo professor; material estruturado ou construído com objetivos específicos (blocos lógicos, ábacos, geoplano, (…)); computador – linguagem Logo (quando possível)" (p. 169).

1.1.2. 2.º Relato (1.º Ano)

Os alunos iniciaram o dia com a leitura da lição, em voz baixa, sendo que nós estagiárias e a professora, ouvimos um a um a ler. Após a leitura, os alunos realizaram uma ficha de Língua Portuguesa que continha vários exercícios. O primeiro exercício era acerca do masculino e feminino; no segundo exercício teriam de formar frases com as palavras do exercício anterior; no terceiro exercício apareciam umas gravuras seguidas de frases em forma de perguntas para os alunos escolherem a correta, consoante a imagem, e darem a resposta. Após a realização dessa tarefa, a professora realizou um ditado de uma frase e os alunos escreveram o alfabeto de seguida.

Para concluir a manhã, a professora deu aula de matemática com os Calculadores Multibásicos, introduzindo o tema da divisão. A professora distribuiu também uma ficha de trabalho a cada aluno e ao longo dos problemas que ia efetuando, distribuía material não estruturado para os alunos colocarem por baixo dos calculadores e mais facilmente entenderem como se realizavam os problemas, como pode ser observado na figura 2.

Figura 2 – *Material Calculadores Multibásicos trabalhado em sala de aula*

Estes exercícios são muito importantes para a aprendizagem dos alunos do 1.º ano, uma vez que estes temas têm como base o programa de Língua Portuguesa do 1.º ciclo do Ensino Básico. Cabe assim ao professor a responsabilidade de organizar

atividades interessantes e propícias à aprendizagem dos alunos. Como estagiárias também nos cabe a nós orientar os alunos de forma correta, organizando atividades interessantes e de modo a que os alunos possam desenvolver competências, capacidades, destrezas e valores, os mesmos que temos de desenvolver ao longo da nossa prática pedagógica para podermos ser futuras docentes.

Assim, como nos diz Peterson (2003, p.67), "o conhecimento que os professores têm sobre os conteúdos de ensino e do modo como os mesmos se transformam em ensino resulta de um processo aquisitivo. Não existem indivíduos nascidos professores. (…) É preciso um conjunto de exercícios ou de aprendizagens para se tornar um bom professor". Deste modo, tanto a professora da sala como nós estagiárias devemos adquirir conhecimentos para podermos abordar os conteúdos do ensino de uma melhor forma, pois só assim conseguimos transmitir esses mesmos conteúdos aos nossos alunos, de uma forma fácil, correta e eficaz.

Penso que este material não estruturado (Calculadores Multibásicos) irá ajudar as crianças pois estas precisam de trabalhar com diversos materiais do seu dia-a-dia, de modo a que consigam raciocinar e comunicar mais facilmente, aproveitando as suas experiências passadas.

Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999) consideram,

> Quando se diz que o professor não deve ignorar as experiências e os conhecimentos prévios que os seus alunos possuem, isso significa que o professor precisa de estar atento e construir as situações de aprendizagem e promover a reflexão dos alunos sobre essas experiências e esses conhecimentos. Por outras palavras, ainda que utilizando materiais e propostas de trabalho inspiradas em livros ou fichas pré-existentes, tem que os selecionar e adaptar, bem como conduzir toda a atividade na sala de aula, de um modo adequado aos seus próprios alunos (p.29).

Todo o professor deve selecionar bem aquilo que pretende ensinar e conduzir todas as atividades em sala de aula, de modo a que os alunos aprendam e saibam comunicar aquilo que aprendem, visto que estes são os principais alvos de uma boa aprendizagem. Neste contexto a professora da sala planeou bem a atividade ao utilizar o material estruturado, Calculadores Multibásicos, pois utilizou-o de uma forma interessante ao juntar também o material não estruturado.

Nabais desenvolveu o material Calculadores Multibásicos. Nabais (1986, p. 8-9) defendeu "abertamente que a verdade matemática deve saltar dos dedos dos alunos, através de múltiplas e variadas experiências". Assim, como nos revela Nabais (1986), os alunos devem manipular o material para terem uma perceção do que estão a trabalhar.

Em sala de aula, ao abordar a divisão devemos lembrar-nos que esta é a operação inversa da multiplicação, pois na multiplicação são dados os dois fatores e pretende-se conhecer o produto, enquanto na divisão é conhecido o produto e um dos fatores e pretende-se conhecer o outro fator. Segundo Caldeira (2009, p. 224), "nesta atividade desaparecem algumas convenções próprias deste material, nomeadamente a correspondência furo/cor. As crianças podem utilizar as cores que quiserem e numa fase posterior devem utilizar outras placas unidas pelas extremidades". Assim, como foi dito por Caldeira (2009), os alunos realizaram as atividades sem ligar ao furo ou à cor. De seguida, na figura 3, está um exemplo de um problema realizado na sala de aula.

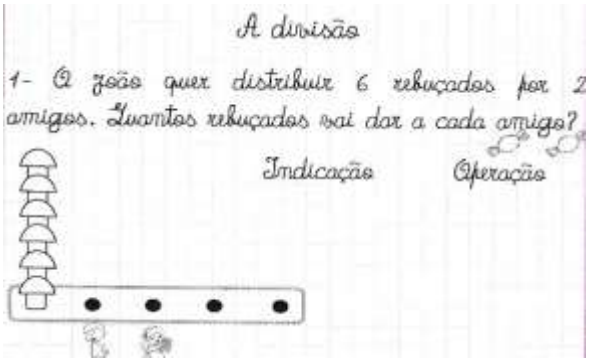


Figura 3 – *Exercício exemplo acerca da divisão*

1.1.3. 3.º Relato (3.º Ano)

Para se poder compreender o contexto da observação/planificação deixo uma breve contextualização do grupo/turma onde foi feita a observação da aula que a professora cooperante desenvolveu.

As rotinas desta turma são as mesmas que já foram referidas para o 1.º ano do Ensino Básico. O horário destes alunos está estipulado entre as 9h e as 17h, como se pode observar no Quadro 3, mas as observações efetuadas realizaram-se sempre, no decorrer da manhã, entre as 9h e as 13h.

Quadro 3 – Horário do 3.º ano

Dias / Horas	2.ª	3.ª	4.ª	5.ª	6.ª
9h / 10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h / 11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h / 11h30	**Recreio da manhã**				
11h30 / 12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h / 12h50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13h / 14h30	**Almoço e recreio**				
14h30 / 15h20	Expressão Plástica (14h30/15h45)	Estudo do Meio	Área de Projeto	Educação Física	História
15h20 / 16h10	Estudo Acompanhado	História	Computadores	Música	Assembleia de turma
16h10 / 17h	Estudo do Meio	Biblioteca	Formação Cívica	Inglês	Experiências

Neste dia começou o estágio numa nova turma, na sala do 3.º ano e, como tal, a professora apresentou-nos à turma e os alunos também se apresentaram. Os alunos continuaram a terminar trabalhos como estavam a fazer e, depois, a professora corrigiu os desafios escolares de Língua Portuguesa que os alunos tinham realizado no fim-de-semana. No decorrer da manhã os alunos realizaram a leitura da lição, um ditado e interpretação do texto "A Lenda de S. Valentim", uma vez que era dia dos namorados.

Depois do intervalo da manhã, a professora corrigiu os desafios escolares de Matemática e, os alunos realizaram mais exercícios de Matemática como: cálculo mental, leitura de números, valor relativo e absoluto, reduções, números de maior valor, menor valor ou igual valor, operações de adição, subtração e divisão, medidas de comprimento, peso e massa, terminando assim a manhã.

Neste dia o que considero relevante é o facto de os alunos serem autónomos na correção dos trabalhos que realizaram em casa, pois, a professora ao fomentar esta atitude na criança, que vive numa sociedade em que tem que se relacionar com os demais, vai permitir que esta se torne uma pessoa mais responsável e mais independente dos outros.

Segundo Sá (2001) "ser autónomo é ser capaz de agir, é ser independente, é saber respeitar o semelhante, é saber assumir responsabilidades, é, em suma, saber ser e saber viver com os outros" (p.16).

Desta forma o incentivo à autonomia numa simples tarefa pode condicionar toda a formação e toda uma relação com os pares, sendo assim cada vez mais importante

incentivar em sala de aula, pois a escola também tem como função ajudar a criança no seu desenvolvimento pessoal.

1.1.4. 4.º Relato (4.º Ano)

Para se poder compreender o contexto da observação/planificação deixo uma breve contextualização do grupo/turma onde foi feita a intervenção da aula planificada por mim. As rotinas do 4.º ano são as mesmas que já foram referidas para os outros anos. O horário da turma está estipulado entre as 9h e as 17h, como demonstra o Quadro 4, mas as observações foram realizadas no decorrer da manhã, entre as 9h e as 13h.

Quadro 4 – Horário do 4.º ano

Dias / Horas	2.ª	3.ª	4.ª	5.ª	6.ª
9h / 10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h / 11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h / 11h30	**Recreio da manhã**				
11h30 / 12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h / 12h50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13h / 14h30	**Almoço e recreio**				
14h30 / 15h20	Biblioteca	Educação Física	Inglês	Estudo Acompanhado	Computadores
15h20 / 16h10	Estudo do Meio	Formação Cívica	Área de Projeto	Estudo do Meio	Assembleia de turma
16h10 / 17h	História	Expressão Plástica	História	Música	Experiências

Neste dia, pude dar novamente uma manhã de aulas. Como tal, as aulas decorreram pela seguinte ordem: Português – Interpretação de um texto, oralmente e, análise gramatical; História de Portugal – Biografia do Rei D. Carlos I; Matemática – Potências e expressões numéricas.

A manhã de aulas começou com a interpretação de um texto de Ilse Losa chamado "Faísca" e a análise gramatical do mesmo, através de uma tarefa escrita. A compreensão do texto e a análise gramatical são muito importantes, pois contribuem para o desenvolvimento das capacidades intelectuais de cada criança, além de que são postos em prática todos os conhecimentos adquiridos ao longo do 1.º Ciclo e não devem

ser esquecidos. A criança deve desenvolver e por em prática cada vez mais o conhecimento explícito da língua, de forma a poder entendê-la melhor.

Segundo o Ministério da Educação (2007a), no que se refere ao conhecimento explícito da língua, em relação ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, o "desenvolvimento da consciência linguística com objetivos instrumentais, (…) de capacidade de usar o conhecimento da língua como instrumento na aprendizagem da leitura e da escrita; o conhecimento (…) flexional e de regras gramaticais básicas" (p. 35). A sua aprendizagem é tão importante para que possa começar a ser entendida desde cedo.

A aula de História de Portugal decorreu dentro da normalidade. Foi uma aula em que utilizei um breve *Powerpoint* para explicar a biografia do Rei D. Carlos I e foi entregue aos alunos, um breve apontamento que foi lido em conjunto e explicado.

Na área da matemática continuei com a utilização do Powerpoint para explicar as regras das potências e das expressões numéricas, mas também foi utilizado material manipulável.

Segundo Caldeira (2009, p. 36) "devem-se propor às crianças atividades com materiais de forma adequada a cada idade, fomentar a motivação, valorizando o aluno, com os seus conhecimentos e valores, respeitando as suas diferenças, de modo a que possam, com aqueles elementos de mediação, construir ideias e conceitos".

Ainda de acordo com a mesma autora, as crianças devem desenvolver estratégias que lhes permitam discutir as suas ideias e raciocínios com os colegas e, como tal o professor deverá estar sempre atento e encorajar os alunos a fazê-lo. Assim, com o passar do tempo, as crianças vão concretizando as situações numéricas e aprendendo a realizar mentalmente os problemas sem a necessidade de objetos físicos, pois estes devem constituir um meio e não um fim. Neste caso utilizei os algarismos móveis, para realizar exercícios básicos com os alunos fazendo com que os alunos passassem do concreto ao abstrato.

1.1.5. 5.º Relato (6.º Ano)

Este relato engloba a observação feita no mesmo dia, na mesma área curricular da Matemática em duas turmas diferentes.

Matemática – 6.º Ano A, a aula de Matemática é dada às turmas do 6.º ano, pela mesma professora. Assim sendo, apenas será avaliada a aula dada durante a manhã nesse mesmo dia, conforme acordado com a professora cooperante. Esta deu-nos a

oportunidade de atuar em duas turmas diferentes e com comportamentos e níveis de aprendizagem diferentes, para testarmos as nossas capacidades como futuras professoras. Alarcão e Tavares (2003) definem supervisão ou orientação da prática pedagógica como "o processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional" (p. 16). Assim sendo, o professor cooperante não deve atuar de forma isolada, como sendo superior àqueles que o rodeiam, antes deve optar por cooperar e partilhar experiências que criem atitudes reflexivas e motivem a práticas de ensino inovadoras. É necessário que a supervisão não seja apenas uma fase do processo formativo dos professores estagiários, mas uma partilha de experiências e ideias entre ambos.

Para começar, a professora apresentou-nos à turma e os alunos apresentaram-se também. Depois, marcou as faltas e verificou quem realizou o trabalho de casa. Foi feita a correção do trabalho de casa que era sobre frações, matéria que, segundo a professora, já devia estar sabida. A correção no quadro demorou cerca de meia hora, sendo a correção de algumas frações muito simples.

Após a correção a professora iniciou o tema dos ângulos verticalmente opostos, explicando a matéria no quadro, através de desenhos exemplos. Terminou a aula com a marcação do trabalho de casa.

Matemática – 6.º Ano B, a professora apresentou-nos à turma e os alunos apresentaram-se de seguida. A professora marcou as faltas e verificou quem realizou o trabalho de casa. Foi feita a correção do trabalho de casa que era sobre frações e ângulos, demorando menos tempo que na turma anterior.

Posteriormente, a professora falou de ângulos verticalmente opostos, dando exemplos e fazendo desenhos no quadro. Realizou um exercício oral com os alunos, utilizando o apoio do quadro, para verificar se todos tinham compreendido. A propósito desse exercício e das amplitudes dos ângulos, uma aluna estava com dificuldades em pensar quanto seria a operação (90º - 40º) o que permitiu à professora ajudá-la a pensar, tentando com números mais pequenos.

Após esse exercício os alunos começaram a resolver exercícios do livro e a professora falou connosco acerca das aulas que tínhamos de dar. Entretanto marcou o trabalho de casa e como estava mesmo no fim da aula deixou sair os alunos.

Nessa aula tivemos a presença de um aluno com Necessidades Educativas Especiais (NEE's) que veio com uma professora, mas que apenas esteve na sala cerca

de meia hora. Durante esse tempo atirou livros ao ar e apenas desenhou garatujas num papel, não acompanhando a professora da sala. A professora que o acompanhava explicou-nos que ele ainda estava numa fase de integração e experimentação, sendo "obrigado" pelos pais a estar presente nas aulas, apesar de mal escrever e quase não falar.

Nas aulas de Matemática do 6.º ano são abordados muitos conteúdos programáticos dos quais fazem parte os ângulos, onde a informação que o aluno recebe torna-se cada vez mais complexa. Desta forma, os alunos com Necessidades Educativas Especiais terão cada vez mais dificuldades na sua aprendizagem, não sendo esta já de tal forma tão eficaz como a dos outros alunos. Neste aspeto, estes alunos deveriam ser colocados em condições especiais, em turmas especiais e diferenciadas, de forma a que pudessem ter um melhor acompanhamento na sua aprendizagem, com um professor especializado na área e com alguns auxiliares a apoiarem o profissional de forma a poder-se dar mais atenção a estas crianças "especiais", apesar de existirem fatores externos que por vezes influenciam e exigem a inclusão destas crianças em turmas ditas normais. O Ministério da Educação (2008),

> tem por objectivo a inclusão educativa e social, o acesso e o sucesso educativo, a autonomia, a estabilidade emocional, assim como a promoção da igualdade de oportunidades, a preparação para o prosseguimento de estudos ou para uma adequada preparação para a vida profissional e para uma transição da escola para o emprego de crianças e jovens com necessidades educativas especiais de carácter permanente. (p.15)

Com base numa perspetiva de educação inclusiva, as questões ligadas ao currículo merecem uma atenção particular, devendo ser modificadas de uma forma educacional alargada, que considere a criança no seu todo. Ainda de acordo com Costa (2006) "um currículo estruturado e flexível, que responda a todos os alunos, deve apoiar-se numa concepção alargada de aprendizagem e em modelos que sejam eles próprios inclusivos" (p. 16). Para que existam condições que permitam alcançar progressos em aprendizagens académicas mais complexas, é necessário criar competências para comunicar e tentar resolver as situações problemáticas.

1.1.6. 6.º Relato (5.º Ano)

Neste dia a aula foi dada em parceria com a minha colega de estágio e pretendia fazer as revisões sobre um determinado conteúdo programático.

Ciências da Natureza – 5.º Ano, depois de a professora ter terminado o resto da matéria da locomoção na água, eu e a minha colega fizemos revisões de todo o tema da locomoção, através de *Powerpoint*. Realizámos um jogo de palavras cruzadas com os alunos e, de seguida, os alunos iniciaram uma ficha de trabalho que levaram para terminar em casa.

Nesta aula de Ciências da Natureza foi promovido o diálogo entre nós e os alunos, de modo a ouvir as ideias dos mesmos sobre a temática abordada, completando-a depois cientificamente da nossa parte.

De acordo com esta ideia, Sá (2002, p. 44) alerta para o facto de a aprendizagem não ser "um processo de incorporação por parte da criança de ideias fornecidas do exterior como um produto já acabado". Neste sentido, tentamos explicar cientificamente os conteúdos, para que os alunos não ficassem com dúvidas.

Em relação às fichas de trabalho, Ponte e Serrazina (2000) afirmam que "as fichas, podendo conter questões de diversos tipos, permitem avaliar diversos tipos de objetivos como a aquisição de conhecimentos, ao nível dos conceitos, das competências de cálculo e da resolução de problemas" (p. 232), mas se forem sempre utilizadas como estratégia em sala de aula, não se tornam uma mais-valia, pois segundo os mesmos autores "não se prestam a avaliar objetivos como a capacidade de raciocínio, as atitudes e os valores", que também são necessários ter em conta em todas as aulas. Neste caso, foi utilizada para avaliar mesmo os conhecimentos dos alunos, não sendo um procedimento comum nestas aulas, pois costumamos adotar outras estratégias também.

1.1.7. 7.º Relato (6.º Ano)

Matemática – 6.º Ano A, esta foi uma aula assistida e avaliada pela professora titular da turma e por uma professora da Escola Superior de Educação João de Deus. Como tal, iniciei a minha aula com um *Powepoint* falando sobre o inverso de um número racional não negativo. Realizei com os alunos uma breve atividade acerca do conteúdo abordado, com material didático feito por mim e continuei com uma espécie de jogo do loto.

De seguida falei sobre a divisão de números racionais não negativos, continuando com a utilização do *Powerpoint* e finalizei a minha aula com exercícios no quadro, em conjunto com os alunos. A minha colega, continuou no segundo tempo, explicando o cálculo de expressões numéricas com diversas operações.

Matemática – 6.º Ano B, a pedido da professora, eu e o meu par de estágio repetimos a nossa aula assistida nesta turma.

Hoje, no início minha aula avaliada, sentia-me um pouco nervosa pois como estava uma segunda professora na sala tinha algum receio que houvesse alguma agitação por parte dos alunos. No entanto, a aula correu de uma forma tranquila e os alunos participaram sempre que lhes foi solicitado. A meu ver, o professor deve ter consciência dos conteúdos que vai ensinar e ter também em conta o tipo de alunos existentes.

Alarcão citada por Viseu (2009, p. 39) salienta que o professor deve refletir sobre "ensinar o quê, a quem, em que circunstâncias, por quê e para quê" e, depois dessa reflexão, encontra a forma como dirigir a sua aula e como deve lecionar os conteúdos, utilizando a metodologia que acha mais adequada.

É importante que os alunos participem nas aulas, pois segundo Sanches (2001, p. 45) "os alunos não podem continuar a ser receptores passivos, eles têm de interagir. (…) É preciso pôr os alunos a fazer e não só a ouvir". Para que os alunos não fossem apenas espectadores da minha aula tentei utilizar materiais manipuláveis que permitiram a sua interação na aula e que os ajudou a compreender melhor os conteúdos lecionados.

De acordo ainda com Viseu (2009, p. 43) "a diversidade de estratégias, tipos de tarefas, abordagens e recursos que o professor pode escolher, influencia a dinâmica das actividades da sala de aula e aumenta o grau de imprevisibilidade do que pode ocorrer", mas apesar de ter atividades que pudessem alterar um pouco o rumo da aula se não tivessem corrido bem, consegui abordar tudo o que tinha planificado.

Durante a aula também recorri à utilização das novas tecnologias, nomeadamente o uso de *Powerpoint* que, tal como já referi antes e conforme Viseu (2009, p. 61) refere que o uso de computador "desempenha um elemento motivador da aprendizagem por possibilitar abordagens mais experimentais e facilitadoras da compreensão dos conceitos". Através da apresentação em *Powerpoint*, e com a ajuda das animações do mesmo, os alunos conseguiram perceber melhor os conteúdos.

1.1.8. 8.º Relato (5.º Ano)

Ciências da Natureza – 5.º Ano, esta foi uma aula diferente, uma vez que foi dada pelo grupo de estágio separadamente, o que não tinha acontecido nas outras aulas.

A minha colega iniciou a aula com um *Powerpoint*, onde abordou as plantas em relação ao fator do meio – a luz, dando exemplos de plantas que se dão bem com a luminosidade e de plantas que, gostam mais de ambientes escuros.

No segundo tempo de aula, eu abordei outros fatores do meio que influenciam as plantas, nomeadamente a humidade e a temperatura, explicando e dando exemplos com imagens de plantas. A aula foi concluída com a realização de uma proposta de trabalho.

Nas aulas de Ciências da Natureza foi comum observar que a professora recorria muito ao manual escolar para que os alunos realizassem exercícios, pois através deles os alunos consolidam os conteúdos lecionados em sala de aula. Moreira, Ponte, Pires e Teixeira (2006, p. 9) analisaram vários estudos feitos sobre o uso dos manuais escolares em sala de aula e verificaram que "os professores parecem usar o manual escolar sobretudo como fonte de tarefas, para realizar na aula e como trabalho de casa". A utilização desta ferramenta é muito comum nas escolas e os alunos aplicam os conteúdos aprendidos, nas questões colocadas nos manuais.

No entanto, para que as aulas não se tornem monótonas e desmotivantes, o professor deve fazer uso de todos os recursos que tem ao seu alcance. Há certas situações em que não se pode deixar de usar determinados recursos, pois estes ajudam o professor a mostrar outras realidades aos alunos, como é o caso da projeção em *Powerpoint*. Nesta aula foi utilizado este recurso para demonstrar diversas imagens de plantas e para conseguir explicar os conteúdos necessários. Segundo Pugalee e Robinson (1998), citados por Silveira-Botelho (2009), "a introdução bem-sucedida das novas tecnologias na sala de aula exige, para além da compreensão por parte do professor do porquê e do como da sua utilização, a familiarização pessoal com essa tecnologia" (p. 151).

A meu ver, o recurso às novas tecnologias em sala de aula é algo bem-sucedido pois, e principalmente quando o conteúdo não propicia à realização de atividades experimentais, proporciona uma aula diferente e motivadora para os alunos.

1.1.9. 9.º Relato (4.º Ano)

A manhã de hoje foi iniciada com uma aula dada por outra estagiária de outra turma. Esta abordou o discurso direto e indireto em Português, a História de Portugal falou acerca do reinado de D. José I e o Marquês de Pombal, elaborando um crucigrama, e a Matemática explicou a elaboração de um gráfico de linhas onde foram

registadas as temperaturas do dia em que ocorreu o terramoto de Lisboa, utilizando material de cartão e pionés.

Durante a tarde, realizaram um Quizz de Matemática e um Quizz de Língua portuguesa, através de cartas, para se encontrar um finalista das turmas de 4.º ano, para um campeonato nacional, a respeito deste jogo, distinguindo-se assim os alunos que, mais respostas corretas davam e eram mais rápidos. No fim do estágio observei a aula de História de Portugal de uma colega do mesmo mestrado, mas que estava na outra turma de 4.º ano. Esta abordou a vida do Marquês de Pombal, utilizando a ajuda do *Powerpoint* e de uma banda desenhada.

Neste dia penso que vale a pena salientar a importância dos jogos quer na área da Matemática quer na área de Língua Portuguesa, em específico o jogo Quizz realizado na aula de hoje, pois é um jogo a que os alunos normalmente não estão habituados, havendo variedade de perguntas e alternando o nível de dificuldade das respostas a cada pergunta. Tornam-se importantes este tipo de jogos pois possibilitam o pensamento abstrato e o cálculo mental estimulando as crianças e, também é possível com isto o esclarecimento de dúvidas nestas áreas em questão.

Segundo Giordan (1999, citado por Carvalho e Freitas, 2010, p. 85) "a criança desmotiva-se, pois não lhe respondem às suas questões (…) habitualmente ensinam-lhe as noções, pelo que ela nada tem a fazer, pois elas não lhe dizem respeito e por isso não as pode compreender".

De acordo com o autor, o professor deve ter esta ideia em conta e tentar esclarecer as dúvidas dos seus alunos, sendo este jogo Quizz uma forma viável de tentar cumprir esse objetivo, pois há sempre tempo ao longo do jogo para esclarecer as dúvidas existentes.

1.1.10. 10.º Relato (4.º Ano)

Este dia não foi dia habitual de estágio porque foi o dia em que se realizou a minha Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional.

Nesta aula abordei conteúdos como análise sintática de uma frase a Língua Portuguesa, abordei o tema do europeu de futebol a Estudo do Meio e, a Matemática realizei exercícios com percentagens. No final foi feito um jogo no recreio da escola, onde os alunos estavam organizados em grupos.

A minha aula não correu bem como o planeado, pois perdi algum tempo no Português. O texto apresentado devia ter sido melhor preparado e devia ter realizado mais questões de interpretação. O exercício da análise sintática feito no quadro, devia ter sido feito ao mesmo tempo no lugar, para os alunos não estarem desmotivados. Em Estudo do Meio, no *Powerpoint* que apresentei sobre o Europeu de futebol, devia ter colocado menos informação ainda e, se calhar, falar apenas nas curiosidades mais importantes e falar também dos países vencedores dos europeus anteriores. Devia ter utilizado mais as mascotes com que iniciei a aula e tentar que os alunos participassem mais, explicando melhor a "regra da moeda ao ar" e a questão dos penalties, que foi algo que ficou um pouco baralhado.

Na área da Matemática devia explicar melhor o quadro apresentado inicialmente sobre as percentagens, que se tratava do aproveitamento de algumas equipas no europeu, em percentagens. Ao apresentar o *Powerpoint* aos alunos, devia ter retirado o 2.º exemplo que apresentei, pois estava um pouco confuso. Como perdi algum tempo na Língua Portuguesa fiquei com pouco tempo para a área de Matemática e, o exercício apresentado, acerca do estádio, deveria ser mais apelativo, começando com uma história e dar algum tempo aos alunos para realizar no papel.

Quando passei para o jogo, devia ter dado as regras logo de início, com os alunos sentados e, posteriormente, mostrar as equipas que formei. Levou algum tempo a fazer o comboio com os alunos para os levar para o exterior, uma vez que estes fizeram muito barulho. O jogo correu bem, de uma forma geral, pois os alunos responderam às questões apresentadas. Como já tinha terminado o tempo, as professoras que estavam a avaliar a aula foram embora e já não viram o fim do jogo, mas os alunos participaram ativamente e o jogo correu bem. Os alunos montaram o puzzle consoante as peças a que tiveram direito, pois cada resposta correta a uma questão dava direito a uma peça do puzzle. No fim receberam um autocolante de participação e gostaram do jogo. Apesar de ter sido um pouco extenso correu bem.

A escolha da temática a apresentar aos alunos foi positiva para o sucesso da aula, pois vivíamos uma época do campeonato europeu de futebol. Cada estagiário teve a oportunidade de escolher o tema que gostava e que considerava mais pertinente para apresentar à faixa etária em questão. O facto de poder lecionar esta aula, que foi o fim deste percurso, foi bastante gratificante para mim pois considero que o professor deve estar apto a desenvolver qualquer tema do currículo. Contudo, o tema que escolhi para a

minha aula não foi um tema sugerido para o 4.º ano de escolaridade, mas esta escolha tornou-se ainda mais desafiadora e motivante para mim.

Para além da professora da sala e das crianças, tinha duas supervisoras da Prática Pedagógica a avaliar a minha prestação. Ao longo das aulas que lecionei ao longo deste estágio refleti bastante sobre as minhas práticas e sobre as práticas observadas.

Alarcão e Roldão (2008) referem que a prática pedagógica é um "espaço em que se entrecruzam os saberes e em que a sua mobilização e articulação ganham sentido conceptual e orientador da ação de educar, ensinando" (p. 17). De acordo com a ideia das autoras, o futuro profissional de educação tem várias componentes teóricas que são imprescindíveis para a componente prática.

1.2. Planificações

Neste capítulo encontram-se as planificações elaboradas e executadas ao longo do período de estágio no 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico. Serão apresentadas oito planificações por ordem cronológica que serão complementadas com uma breve reflexão crítica seguida da fundamentação teórica para cada um dos procedimentos.

A planificação é um conjunto de processos através dos quais construímos uma sequência de ações, sendo esta, um instrumento de trabalho indispensável, porque nos permite cumprir o rumo do caminho a seguir. A planificação é também um método de organização de trabalho que deve ser flexível e adaptado às situações que possam acontecer. Para aplicar o currículo, o professor deve tornar a aprendizagem dos alunos motivante, interessante e, nada monótona, evitando as dúvidas e permitindo melhorar as frustrações do docente, transmitindo-lhe maior segurança. Planificar melhora todos os processos de ensino.

Um professor tem, necessariamente, que planificar as suas aulas pois, para além de ser obrigatório, é essencial para a sua orientação ao longo das aulas. Como tal, este tem que ter em conta quando inicia o processo, como o desenvolve, quando o termina e como avalia os resultados das aprendizagens obtidas.

Giugni (1986) considera que "a organização racional de uma actividade educativa, como do resto de qualquer actividade, requer necessariamente uma planificação" (p. 167). Planificar torna-se cada vez mais importante, pois planificam-se os conteúdos a lecionar ao longo de um ano letivo, planificam-se as áreas temáticas, as

aulas, as visitas de estudo, as atividades escolares, entre outras. Como tal, antes do início das aulas, a primeira preocupação de um professor deve consistir em elaborar uma planificação a longo prazo.

Segundo Bento (2003) "a planificação é o elo de ligação entre as pretensões, imanentes ao sistema de ensino e aos programas das respectivas disciplinas, e a sua realização prática (…)" (pp. 15-16).

Antes e durante o ano letivo torna-se necessário elaborar planos a médio prazo relativos a cada área de aprendizagem, consideradas no plano a longo prazo. Ao longo do ano é necessário elaborar planos a curto prazo, correspondentes às aulas que serão lecionadas no dia-a-dia, concretizando os conteúdos presentes nos planos a médio prazo.

Cada professor tem o seu método de planificar, que reflete a forma como encara o processo de ensino-aprendizagem, assim, em primeiro lugar, devemos planificar para os alunos, pois devemos adequar as planificações às suas características, tendo em atenção os conhecimentos que possuem e o ambiente sociocultural.

Em segundo lugar, planifica-se para o docente, como forma de organização do seu trabalho em função dos objetivos que pretende cumprir, selecionando os conteúdos, métodos, estratégias e materiais que facilitem a aprendizagem dos alunos. Também é importante pois permite ao professor controlar o tempo e fazer ajustes de acordo com as necessidades dos alunos.

A planificação dirige-se, também, à instituição escolar, pois permite que haja um trabalho consistente e consciente, por parte dos docentes. Por fim, e não menos importantes, planifica-se para os pais, para que estes possam perceber o trabalho que é efetuado com os seus filhos e o que eles aprendem, facilitando o acompanhamento da criança na vida escolar. Quando se planifica deve ser-se flexível pensando sempre em questões que podem surgir, alterando o decorrer da aula. Como tal, não devemos ser rígidos ao efetuar uma planificação, pois isso dependerá das turmas e das questões expostas pelos alunos.

Conforme Braga, Floripes, Vilas-Boas, Alves, Freitas e Leite (2004) "(…) a planificação passa pela criação de ambientes estimulantes que propiciem actividades que não são à partida previsíveis e que, para além disso, atendam à diversidade das situações e aos diferentes pontos de partida dos alunos" (p. 27).

Vilar (1998) salienta que "a actividade é a manifestação mais acabada da vitalidade de uma pessoa e/ou grupo" (p. 48), já Arends (1999) refere que "para os

proponentes deste modelo, as planificações não são necessariamente os condutores das acções, passando a ser, em vez disso, símbolos, anúncios e justificações daquilo que as pessoas já fizeram" (p. 45).

A planificação é cíclica, existindo uma abordagem mais recente, contrária à planificação linear, que é designada por planificação concetual, uma vez que o ensino se baseia na mudança concetual, em que o professor elabora várias etapas que levam os alunos à construção do saber. Assim sendo, são desenvolvidos planos abertos, dinâmicos e flexíveis.

As planificações que serão apresentadas baseiam-se no Modelo T de Aprendizagem proposto por Martiniano Pérez, sendo que estas estão adaptadas ao modelo utilizado nos Jardins-Escolas João de Deus. Os planos de aula que serão apresentados mais à frente, baseiam-se neste Modelo T (Pérez & López, 1994), que se denomina assim, pois apresenta a forma de um duplo T, como se pode observar na figura 4.

Escola Superior de Educação João de Deus

Plano de aula

Professora: **Faixa Etária:**
Tempo: **Data:**

Estagiária: Patrícia Teixeira

Área:

Conteúdos	**Procedimentos/Métodos**
Objetivos / Competências	
Capacidades/Destrezas	**Valores/Atitudes**
Material:	

Plano baseado no *Modelo T* de Aprendizagem

Figura 4 – *Exemplo de uma planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem*

No entender deste autor, a existência destas planificações permite identificar de maneira adequada os objetivos e valores, procedimentos e estratégias, capacidades e destrezas associadas aos conteúdos. Todos estes são elementos fundamentais do «desenho curricular de aula» como modelo de ensino-aprendizagem, um marco de um novo desenho de aprender a aprender, facilitando a aprendizagem. Assim, tomou como rumo o modelo apresentado em anexo 1.

As planificações utilizadas na preparação de atividades realizadas durante o estágio são apenas uma diferente adaptação do modelo original pois, planificar para 20/30 minutos vai contra os princípios do autor que estabelece seis semanas como um limite mínimo para uma planificação curta. A análise destes documentos permitiu realizar as planificações que fazem parte deste capítulo, com particular destaque para os procedimentos e conteúdos (da minha inteira responsabilidade).

Os quadros em anexo (Anexos 2 e 3) foram de extrema importância e referência para a elaboração de cada plano de aula. Parece relevante referir em que consiste programar e quais os passos que devemos seguir até planificar uma atividade. Segundo Zabalza (2001, p.96), "sem programação não se pode fazer "boa escola". Porém, para que a programação responda ao seu sentido curricular tem que possuir certas características importantes que afetam tanto o processo da sua planificação como a sua posterior aplicação prática na aula."

As planificações concretizadas nas várias valências estão de acordo com o projeto pedagógico e com as áreas curriculares. Segundo Pérez e López (1994), este tipo de planificação dá-nos uma visão global daquilo que o professor vai fazer e quais as competências que quer atingir. Assim, verificamos que nas planificações seguintes estão patentes, na primeira coluna, os conteúdos e as capacidades/destrezas e, na segunda coluna, os métodos/procedimentos e os valores/atitudes. De acordo com esses autores,

> é possível de uma só forma panorâmica e global, numa só folha, integrarmos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser apreendida na escola ao longo do curso escolar. (…) As capacidades – destrezas: indicam os objetivos fundamentais cognitivos (…) que queremos desenvolver; Os valores – atitudes: mostram os objetivos fundamentais afetivos que pretendemos desenvolver; Os conteúdos (conhecimentos): apresentam em três ou seis blocos de conteúdos ou blocos temáticos que se pretende aprender ao longo do ano escolar; Os métodos – procedimentos: apresentam-se entre nove a doze métodos ou procedimentos gerais, como formas de fazer, para serem apreendidas no curso escolar. (pp. 401-402)

Os alunos vivem numa sociedade dita cognitiva ou sociedade da informação, em que o conhecimento aumenta exponencialmente e assume um significado importante. Mas, nem sempre se consegue processar tanta quantidade de informação tornando-se

difícil responder às solicitações do meio envolvente. Daí que o currículo não se pode esgotar nos conteúdos que devem ser ensinados e aprendidos. Conforme nos diz Braga (2004, p. 17) "podemos afirmar que o currículo é uma construção social resultante da necessidade de responder a aprendizagens que se consideram socialmente necessárias para um determinado grupo, numa determinada época, que se corporiza através de decisões e que reflete o poder dos campos científicos."

Esta conceção de currículo vai atribuir novos papéis aos atores escolares e isto traduz-se no trabalho dos professores, nomeadamente, nas planificações. Planificar tornou-se uma atividade muito importante para todos os professores. Estes dedicam muito do seu tempo a planificar o que irá condicionar a sua ação e esta atividade é o que determina a aprendizagem na escola.

Zabalza (2000) afirma que,

> a escola é a unidade básica de referência para o desenvolvimento do currículo. Para o efeito, esboça as linhas gerais da adaptação do programa às exigências do contexto social, institucional e pessoal, e define as prioridades. Será, porém, o professor a concretizar, com a sua atuação prática, essas previsões. E só ele poderá adotar as decisões já antes referidas. Ele realiza a síntese do geral (programa), do situacional (programação escolar) e do contexto imediato (o contexto da aula e os conteúdos específicos ou tarefas) (p. 46).

O currículo, tal como é publicado, é um documento orientador para todo o país, cabe a cada escola, nomeadamente a cada professor, transformá-lo e adaptá-lo à realidade dos seus alunos. Não existe uma única definição para planificação pois cada professor terá a sua, que é própria e reflete a forma como encara o processo de ensino/aprendizagem.

Planificar é muito importante, se assim não fosse os professores não se debruçariam sobre esta tarefa há tantos anos. É essencial que o professor tenha um fio condutor das suas aulas, é como um mapa de estrada, para se chegar a um destino traça-se um caminho, embora durante o percurso se possam fazer desvios e no final chegar ao local pretendido.

Assim, a planificação não deve ser rígida, pelo contrário, deverá ser uma previsão do que se pretende fazer, tendo em conta as atividades, material de apoio e essencialmente, o contributo dos alunos, privilegiando as relações pessoais, entre turma e professor, fazendo com que os alunos se sintam como uma peça fundamental e imprescindível para o todo.

Conforme nos diz Braga (2004) "(…) o modelo de planificação seguido é importante, pois reflete a maneira como foi concebida a aula (…)" (p. 26). Existem

assim diferentes tipos de planificação e, em termos temporais, pode-se planificar a longo prazo, a médio prazo e a curto prazo.

Ao iniciar um ano letivo é importante que o professor tenha uma perspetiva abrangente sobre o processo ensino - aprendizagem a desenvolver ao longo do ano. Para isso, antes do início das aulas a primeira preocupação do professor deve consistir em delimitar globalmente a ação a ser empreendida ao longo de todo o ano escolar, isto é, em elaborar a planificação a longo prazo, tendo como objetivo selecionar e distribuir conteúdos, tendo em vista o melhor para a escola e baseando-se nas orientações do plano curricular da escola.

Antes do início do ano letivo e durante o seu desenrolar, é necessário elaborar planos a médio prazo correspondentes a cada unidade de aprendizagem, consideradas no plano a longo prazo. Conforme Arends (1999) "basicamente, uma unidade corresponde a um grupo de conteúdos e de competências associadas que são percebidas como um conjunto lógico" (pp. 59-60). Para planificar uma unidade é necessário interligar objetivos, conteúdos e atividades.

Durante o ano letivo e tendo em conta o desenrolar no contexto de turma, é necessário elaborar planos a curto prazo, de pequena amplitude, correspondentes às ações que no dia-a-dia vão concretizar os diferentes conteúdos dos planos a médio prazo. Segundo Arends (1999) "normalmente, os planos diários esquematizam o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a serem exploradas, os passos e atividades específicas preconizadas para os alunos, os materiais necessários e os processos de avaliação" (p. 59).

É necessário salientar que o facto de se elaborar um plano é tão importante quanto é importante ser-se capaz de o pôr de lado. Uma aula deve ser dinâmica, deve "acontecer" e não pretende ser rigorosamente o que está no papel, o que não significa que se perca o fio condutor que existe numa planificação. Significa que não pode ser rígido, mas sim flexível o que permite ao professor mudar de rumo, se assim for necessário no momento.

Para que uma planificação tenha qualidade deve ser coerente, adequada, flexível, contínua, precisa e rica. Assim, para que tudo isto funcione é necessário planificar-se: para os alunos, para que estes possam saber o que estão a fazer e porquê; para o professor, pois é uma forma de organizar o seu trabalho, refletir sobre os conteúdos, métodos, materiais e competências a desenvolver nos alunos; para a escola, pois torna possível um trabalho consciente de todos os docentes e permite a coordenação

interdisciplinar; para os pais, para perceberem melhor porque é que os filhos aprendem determinados conteúdos e desta forma poderem acompanhá-los melhor e participar mais conscientemente na vida escolar; para a sociedade, porque cada vez mais se fala em autonomia das escolas e em participação ativa da comunidade, da sociedade local.

Na planificação de unidade de ensino, certas necessidades impõem-se de imediato como a seleção de conteúdos e a seleção e definição de objetivos.

Arends (1999) considera: "os objetivos da instrução consistem em afirmações que descrevem a direção da mudança que o professor pretende promover nos estudantes. Os objetivos da instrução assemelham-se a mapas de estradas: ajudam professores e alunos a conhecerem os caminhos que estão a percorrer e a saberem se o destino já foi alcançado" (p. 54).

Assim, os objetivos podem distinguir-se em: objetivos gerais, metas ou finalidades educativas, que podem ser atingidos de variadas formas; objetivos gerais de disciplina, que se encontram próximos do processo de ensino – aprendizagem. Estes são um pouco ambíguos e limitam-se aos conteúdos da disciplina; objetivos específicos, que representam aprendizagens mais simples, suscetíveis de serem adquiridas a curto prazo e mais concretas. Um objetivo específico pode ser enunciado em termos comportamentais.

Segundo Arends (1999) "servem para nos lembrar de que queremos que os nossos alunos aprendam uma série de competências e que sejam capazes de pensar e de agir tanto de uma maneira linear como de forma complexa" (p. 59).

A planificação por competências tem em conta as competências que os alunos devem desenvolver, para tal o professor orienta as aulas, desenvolvendo atividades que propiciem esse desenvolvimento. As competências a desenvolver nos alunos aparecem nestas planificações porque são obrigatórias em Portugal, o que não acontece nos modelos originais.

Relativamente à organização das planificações realizadas durante este período de estágio, estas baseiam-se no Modelo T de Aprendizagem, como já foi referido anteriormente, sendo este uma demonstração prática do desenho curricular aplicado. Existem duas variedades de Modelo T, sendo que a que utilizamos ao longo do estágio é a presente, que se baseia apenas no original, pois este nunca foi utilizado apenas para um dia ou uma hora.

Pérez e López (1994) consideram

> o Modelo T como forma de planificação pode ser suficiente para muitos professores e é o ponto de partida na elaboração do desenho curricular de aula (currículo), (…). O Modelo T baseia-se e fundamenta-se no paradigma sociocognitivo e nos novos modelos de aprender a aprender como desenvolvimento de capacidades e valores. (pp. 72-73)

As pedagogias de orientação construtivista assumem que os alunos já chegam à escola com conhecimentos prévios, em função dos quais vão construir os novos saberes. Para isso o professor deve pôr em prática estratégias cognitivas e metacognitivas.

Para Leite e Fernandes (2002) "(…) é preciso pôr em prática estratégias cognitivas e metacognitivas que lhes permitam tomar consciência dos seus próprios conhecimentos e dos seus funcionamentos cognitivos" (p. 47).

De acordo com a ideia destes autores e conforme indica o Decreto-Lei n.º 139/2012, Artigo 2.º, de 5 de julho, relativo ao currículo, no ponto 4, "as estratégias de concretização e desenvolvimento do currículo são objeto de planos de atividades, integrados no respetivo projeto educativo, adaptados às características das turmas, através de programas próprios, a desenvolver pelos professores titulares de turma, em articulação com o conselho de docentes, ou pelo conselho de turma, consoante os ciclos."

Por fim, posso concluir então que o Modelo T foi muito importante nas planificações de aulas, pois permitiu-me ter uma visão global daquilo que temos que fazer durante um determinado período de tempo.

1.2.1. Planificação 1 (1.º Ano - Matemática)

Escola Superior de Educação João de Deus

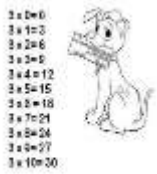
Jardim – Escola João de Deus

Plano de Aula

Área: Matemática

Faixa Etária: 1.º ano
Tempo: +/- 1 hora
Data: 16 de Novembro de 2010

Estagiária: Patrícia Teixeira
Ano: Mestrado



Conteúdos	Procedimentos/Métodos
• Revisão da tabuada do 3	- Iniciar a aula com um exercício oral no qual os alunos terão de agrupar determinadas imagens. - Utilizar algarismos móveis para fazer a representação dos conjuntos, através da multiplicação. - Abordar o tema da multiplicação por 3, utilizando uma "lagarta" para sistematizar a tabuada do 3. - Para terminar, os alunos realizarão um jogo do bingo sobre a tabuada do 3. Ganhará o jogo quem completar mais rapidamente o cartão.
Competências	
Capacidades/Destrezas	**Valores/Atitudes**
- Raciocínio Lógico: relacionar e fluidez mental. - Expressão Escrita: memorização e resolução de situações problemáticas.	- Respeito: aprender e conviver. - Solidariedade: compreender e dialogar.
Material: Imagens, algarismos móveis, lagarta da tabuada, ficha de trabalho cartões do bingo.	

- ✓ **<u>Iniciar a aula com um exercício oral no qual os alunos terão de agrupar determinadas imagens.</u>** No seguimento da aula que tinha dado acerca dos sinais de trânsito, introduzi este tema matemático, pedindo aos alunos que agrupassem determinados sinais de trânsito, conforme as quantidades que eu indicava. Assim, estaria a dar início à minha aula acerca da revisão da tabuada do 3, tentando com que os alunos trabalhassem com material manipulável não estruturado e começassem a trabalhar o raciocínio lógico dentro das suas mentes.

Tal como afirma Aharoni (2008, p. 9), na educação "tal como na vida, as primeiras impressões são importantes. O modo como um assunto é apresentado pela primeira vez irá determinar em grande medida a atitude futura do estudante". O mais importante no aprender da matemática é a atividade mental a desenvolver nos alunos.

Berbaum, citado em Caldeira (2009, p. 11), defende que "ajudar a aprender melhor implica que o formador saiba em que é que consiste a aprendizagem" de modo que o aluno tome consciência do processo.

A utilização destes materiais manipulativos, tanto estruturados como não estruturados, através de modelos concretos, permite à criança construir, modificar, interagir com o mundo físico e com os seus pares, a aprender fazendo. Para Bezerra (1962, p.8), o Material Didático é "todo e qualquer acessório usado pelo professor para realizar a aprendizagem". Os materiais manipulativos devem representar explicitamente e concretamente ideias matemáticas que são abstratas.

- ✓ **Utilizar algarismos móveis para fazer a representação dos conjuntos, através da multiplicação.** Para continuar a aula distribuí pelos alunos caixas com algarismos móveis, para que estes pudessem representar concretamente aquilo que tinham nos conjuntos efetuados com sinais de trânsito. Posteriormente os alunos transformariam numa multiplicação, neste caso representando um resultado da tabuada do 3. Segundo Caldeira (2009):

> algumas vezes o trabalho do educador leva, em contextos significativos, as crianças a trabalharem pré-conceitos de multiplicação e divisão. Estes conceitos devem ser realizados com materiais concretos, que podem ser resolvidos inicialmente por contagem, e mais tarde, através de relações entre números. (p. 100)

Assim, torna-se muito útil trabalhar estes conceitos de uma forma concreta, utilizando todos os materiais que nos forem possíveis.

- ✓ **Abordar o tema da multiplicação por 3, utilizando uma "lagarta" para sistematizar a tabuada do 3.** Esta sistematização não ocorreu com muito sucesso pois já não tinha muito tempo e acabei por não utilizar a "lagarta" para sistematizar a tabuada do 3, sendo que optei por escrever no quadro, utilizando assim outros materiais como o quadro e o giz. É importante fazer uma sistematização da tabuada para que os alunos a compreendam e saibam utilizá-la quando necessária. A tabuada, para além de ser compreendida, é necessário "sabê-la de cor".

- ✓ **Para terminar, os alunos realizarão um jogo do bingo sobre a tabuada do 3. Ganhará o jogo quem completar mais rapidamente o cartão.** O recurso ao jogo talvez seja um meio privilegiado para a predisposição do aluno relativamente ao treino da tabuada. Todos os alunos realizaram o jogo e gostaram. Como afirma Fröebel, citado em Caldeira (2009, p. 38) "brincar é a fase mais importante da infância e do desenvolvimento humano neste período – por ser a auto-ativa representação do interno – a representação de necessidades e impulsos internos".

Os jogos constituíram sempre uma forma de atividade do ser humano, no sentido de recrear e educar ao mesmo tempo, daí a minha escolha por este jogo lúdico, que ao mesmo tempo leva os alunos a estarem atentos à tabuada e a saberem-na corretamente.

1.2.2. Planificação 2 (2.º Ano - Estudo do Meio)

Escola Superior de Educação João de Deus

Faixa Etária: 2.º ano
Tempo: +/- 1 hora
Data: 8 de fevereiro de 2011

Jardim – Escola João de Deus

Plano de Aula

Área: Estudo do Meio

Estagiária: Patrícia Teixeira
Ano: Mestrado
N.º: 13

Conteúdos	Procedimentos/Métodos
• Plantas: - Raiz 	- Iniciar a aula conversando com os alunos acerca de uma imagem sobre plantas. - Pedir que dêem exemplos de plantas que conhecem e do meio ambiente em que as mesmas vivem. - Falar acerca dos três tipos de meios em que vivem as plantas. - Contar alguns poemas acerca das plantas, introduzindo a raiz, do livro *Herbário* de Jorge Sousa Braga. - Apresentar a raiz, explicando a sua constituição e formas que pode apresentar. - Mostrar aos alunos algumas raízes verdadeiras de plantas. - Realizar uma ficha de trabalho ao longo da aula, corrigindo-a.
Competências	
Capacidades/Destrezas	**Valores/Atitudes**
- Raciocínio Lógico: observar, interpretar e aplicar. - Compreender: conhecer.	- Responsabilidade: cumprir e respeitar. - Cooperação: colaborar e partilhar.
Material: Cenário, imagens, livro *Herbário*, raízes de plantas e ficha de trabalho.	

✓ **<u>Iniciar a aula conversando com os alunos acerca de uma imagem sobre plantas.</u>** Pensei iniciar desta forma a minha aula, uma vez que gostaria de saber aquilo que as crianças sabiam acerca da imagem. A educação em ciências nos primeiros anos das crianças é importante pois desde cedo que as atividades das crianças estão recheadas de ciência, estando relacionadas com as suas brincadeiras.

"As atividades das crianças estão desde muito cedo relacionadas com a ciência (escorrega, brinquedos que flutuam na água, observações do mundo que as rodeia). As aprendizagens que as crianças fazem nestas circunstâncias são do tipo causa/efeito"

(Martins, Veiga, Teixeira, Vieira, Rodrigues e Couceiro, 2007, pp. 11 - 12). É nesta perspetiva que a escola básica deve ser a promotora de alguma compreensão de conteúdos, bem como desenvolver uma atitude científica nos alunos.

- ✓ **Pedir que dêem exemplos de plantas que conhecem e do meio ambiente em que as mesmas vivem.** Ao longo da sua vida, as crianças vão adquirindo cada vez mais conhecimentos, ou porque ouviram na escola, ou porque ouviram no meio familiar, assim com este procedimento tentei aferir os conhecimentos das crianças acerca do tema plantas e do meio ambiente em que estas vivem. Com isto tentei verificar quais as conceções alternativas das crianças pois, para Cachapuz, Praia e Jorge (2002, p. 155), "(…) a necessidade de adequar as estratégias de ensino às ideias prévias dos alunos exige que tenhamos necessidade de diagnosticar as conceções alternativas dos alunos".

Primeiramente, o professor deve compreender na sua essência o significado das representações feitas dos seus alunos, mas e segundo Cachapuz et al. (2002, p. 159), "promover uma ecologia de aula que lhes permita serem mediadores entre os seus pares". Assim, o professor tem ao seu dispor instrumentos, estratégias e metodologias que ajudam os seus alunos a pensar. Segundo Martins et al. (2007) as estratégias são:

> solicitar esquemas ou desenhos às crianças, pedir que expliquem um esquema do livro, confrontá-las com acontecimentos pontuais do seu quotidiano, promover a discussão/troca de ideias dadas por outros alunos, colocar às crianças questões de modo a raciocinarem de forma negativa, escolher a analogia mais adequada a uma determinada situação, provocar uma condição aparente e deixar que os alunos a discutam. (pp. 33-34)

Após todas estas estratégias para detetar as conceções alternativas, deve levar-se os alunos à mudança concetual de modo a que eles alterem as ideias que estão em erro na sua mente. Foi o que tentei fazer de seguida, no continuar da minha aula.

- ✓ **Falar acerca dos três tipos de meios em que vivem as plantas.** Ao falar dos três tipos de meios em que vivem as plantas, tentei fazer a mudança concetual nos alunos. Este é um tema que se encontra no programa escolar para lecionar no segundo ano de escolaridade e assim, é também tema de currículo para desenvolver com os alunos durante o ano letivo.

Martins et al. (2007) conclui:

> No ensino para a mudança concetual, o professor ajuda a transformar estruturas concetuais e, assim sendo, contribuir para que os alunos reorganizem os seus conceitos de uma outra maneira, de uma forma qualitativamente diferente. Não se pretende que o sujeito seja pré-constituído, mas sim um sujeito a constituir-se, que se auto-regula e auto-transforma à medida que (re)constrói e transforma os seus conceitos. (p. 33)

Ao serem abordados estes "novos" conceitos, os alunos reorganizam a sua mente e confrontam-se com as ideias prévias que tinham, fazendo a troca concetual e aprendendo assim todos os conteúdos necessários.

- ✓ **Contar alguns poemas acerca das plantas, introduzindo a raiz, do livro *Herbário* de Jorge Sousa Braga.** A raiz da planta é um dos temas a desenvolver segundo o programa e as orientações curriculares, para tal, achei por bem utilizar uma história para introduzir o tema.

- ✓ **Apresentar a raiz, explicando a sua constituição e formas que pode apresentar.** Após ter provocado o conflito cognitivo nos alunos e ter feito a mudança concetual expliquei todos os conteúdos corretos, conforme indica o currículo e fui desenvolvendo o tema através de imagens. O professor deve desempenhar um papel ativo, tendo a oportunidade de conhecer e de discutir razões que justifiquem a importância da educação em ciências.

Como tal, e segundo Martins et al. (2007)

> o professor deve transmitir conhecimentos científico-tecnológicos, proporcionar à criança vivências de diversas situações, aprendizagens concetuais, promover um ambiente onde se possa apreciar a ciência, ajudar na construção do pensamento científico e despertar na criança curiosidade, motivação e interesse pelas ciências (p. 16)

Deste modo a criança desperta a sua curiosidade e interesse para a aprendizagem do tema "raiz da planta".

- ✓ **Mostrar aos alunos algumas raízes verdadeiras de plantas.** Para que os alunos possam observar a realidade e para que a sua aprendizagem seja feita com maior eficácia, é sempre bom mostrar-lhes plantas verdadeiras de modo a que estes possam tocar e cheirar. Estamos assim a permitir à criança trabalhar os seus sentidos, como o tato ou o olfato. Como refere Martins et al. (2007) "estas aprendizagens decorrem da ação e manipulação dos objetos atualizados". (pp. 15-20)

- ✓ **<u>Realizar uma ficha de trabalho ao longo da aula, corrigindo-a.</u>** Ao longo da aula, conforme ia abordando os conteúdos, os alunos iam preenchendo uma ficha de trabalho, para compreenderem melhor os conteúdos e para que mais tarde tenham um material de estudo.

1.2.3. Planificação 3 (3.º Ano - Português)

Escola Superior de Educação João de Deus

Jardim – Escola João de Deus

Plano de Aula

Faixa Etária: 3.º ano
Tempo: +/- 1 hora
Data: 18 de março de 2011

Área: Português

Estagiária: Patrícia Teixeira
Ano: Mestrado
N.º: 13

Conteúdos	Procedimentos/Métodos
• **Palavras Derivadas:** **- Prefixação** **- Sufixação** **- Parassíntese** 	- Iniciar a aula com uma história: *"Uma estrela que não queria brilhar"* de Madalena Gomes – Coisas Falantes e Outras Histórias. - Através de uma palavra da história, introduzir o tema das palavras derivadas. - Explicar o que são palavras derivadas por prefixação, por sufixação e parassíntese. - Dar alguns exemplos de palavras derivadas. - Resolver uma proposta de trabalho e correção.
Competências	
Capacidades/Destrezas	**Valores/Atitudes**
- Expressão oral: dialogar. - Funcionamento da língua: analisar e interpretar.	- Responsabilidade: ser coerente. - Respeito: considerar e aceitar.
Material: História *"Uma estrela que não queria brilhar"* de Madalena Gomes – Coisas Falantes e Outras Histórias, ficha informativa e proposta de trabalho.	

- ✓ **<u>Iniciar a aula com uma história: *"Uma estrela que não queria brilhar"* de Madalena Gomes – Coisas Falantes e Outras Histórias.</u>** Esta estratégia foi planeada com base no decorrer das outras aulas, assim peguei numa história para continuar a minha aula e passar para a Língua Portuguesa. Escolhi esta história pois tinha a ver com tema falado anteriormente sobre os astros. É importante que as crianças oiçam histórias, pois segundo as orientações curriculares da Língua Portuguesa a criança deve ser capaz de comunicar oralmente, com progressiva autonomia e clareza e desenvolver a capacidade de retenção da informação oral. Assim sendo, a criança ouve a história e depois deverá resumi-la e contar oralmente.

Segundo Magalhães (2008, p. 64) "na sala de aula, o professor do 1.º ciclo tem de alfabetizar as crianças, exercitando a utilização de métodos que lhes permitam comunicar acerca da realidade em que estão inseridas, de modo a avançarem no domínio de diversos tipos de leitura". De modo a construir leitores literários, o Programa de Língua Portuguesa do 1.º ciclo tem de ser adequado aos tipos de leitores e à sua idade.

- ✓ **Através de uma palavra da história, introduzir o tema das palavras derivadas.** Depois de realizada a leitura modelo, peguei numa palavra do texto para introduzir o tema da aula que eram as palavras derivadas. Comecei por perguntar aos alunos se sabiam o que eram palavras derivadas sendo que alguns ainda se lembravam, pois, a professora da sala já tinha falado sobre o tema. Esta foi uma forma, uma estratégia de partir para o tema da aula.

- ✓ **Explicar o que são palavras derivadas por prefixação, por sufixação e parassíntese.** Segundo o programa escolar e segundo o currículo, este é um tema a abordar no terceiro ano de escolaridade, como me foi pedido para o lecionar, tentei fazê-lo da melhor forma, procurando os conteúdos necessários numa gramática, para explicar aos alunos. Ao mesmo tempo que ia explicando os alunos acompanhavam num apontamento, pois foi a forma mais fácil e útil que encontrei para que os alunos compreendessem, pois podiam seguir o apontamento ao mesmo tempo que eu explicava.

- ✓ **Dar alguns exemplos de palavras derivadas.** Posteriormente dei alguns exemplos de palavras derivadas, quer por prefixação, quer por sufixação ou por parassíntese. Este é um tema pertencente ao programa e que me foi pedido para abordar, assim, escolhi esta estratégia pois foi a que me pareceu mais conveniente para a aprendizagem dos alunos. Não existe uma estratégia definida para lecionar este tema, logo escolhi este por livre vontade. Ao dar exemplos de palavras, os alunos compreenderam melhor.

- ✓ **Resolver uma proposta de trabalho e correção.** De modo a aferir os conhecimentos apreendidos pelos alunos elaborei uma proposta de trabalho simples. Esta permite ao professor detetar os erros e dificuldades dos alunos, bem como perceber as facilidades dos mesmos em relação ao tema abordado.

1.2.4. Planificação 4 (6.º Ano - Matemática)

Escola Superior de Educação João de Deus

Escola Pública de Lisboa

Plano de Aula

Faixa Etária: 6.º Ano
Tempo: +/- 45 minutos
Data: 2 de dezembro de 2011

Área: Matemática

Estagiária: Patrícia Teixeira
Ano: Mestrado
N.º: 9

Conteúdos	Procedimentos/Métodos
❖ **Interpretação e construção de gráficos circulares**	- Iniciar a aula dialogando com os alunos, de modo a que estes associem as percentagens (25%, 50% e 75%) às amplitudes dos setores que as representam num gráfico. - Pedir aos alunos que observem um gráfico e interpretem oralmente os resultados. - Mostrar uma tabela de frequências e a partir daí explicar como se constrói um gráfico circular. - Explicar de que modo se pode obter a amplitude de um ângulo, partindo de uma tabela de frequências. - Entregar a cada aluno material para construir um gráfico circular, ao mesmo tempo da explicação no quadro. - Após a construção de um gráfico circular, realizar exercícios com os alunos, através de uma proposta de trabalho.
Competências	
Capacidades/Destrezas	**Valores/Atitudes**
- Raciocínio Lógico: Relacionar, aplicar. - Orientação espácio-temporal: saber situar, reconhecer.	- Responsabilidade: respeito, interesse. - Criatividade: imaginação, curiosidade.
Material: Material próprio para a construção de gráficos, PowerPoint e proposta de trabalho.	

✓ **<u>Iniciar a aula dialogando com os alunos, de modo a que estes associem as percentagens (25%, 50% e 75%) às amplitudes dos setores que as representam num gráfico.</u>** Comecei por falar com os alunos, antes de dar o tema da aula, para ver até que ponto conseguiam associar as percentagens ao tema que iria ser abordado, neste caso os gráfios circulares. Para tal pedi aos alunos para olhar para umas imagens onde estavam pintadas partes de círculos para que estes tentassem associar 50%, 25% e 75% às amplitudes dos setores que as representam.

De acordo Rosa, Neves e Vaz (2011),

> no 1.º Ciclo os alunos começaram a desenvolver a capacidade de ler e interpretar dados organizados em gráficos circulares, em situações muito simples. Alguns poderão ter construído, informalmente, gráficos circulares através de dobragens de um círculo de papel em partes iguais. (p. 65)

Assim, no 2.º Ciclo, os alunos aprofundam os conhecimentos já adquiridos realizando exercícios mais complexos e de natureza variada, representando-os em tabelas de frequências absolutas e relativas e em vários tipos de gráficos, neste caso, o gráfico circular.

Segundo o Programa de Matemática do Ensino Básico (M.E., 2007b), relativamente à organização e tratamento de dados, o propósito principal de ensino é "desenvolver nos alunos a capacidade de compreender e de produzir informação estatística, bem como de a utilizar para resolver problemas e tomar decisões informadas e argumentadas" (p. 42). Os objetivos gerais de aprendizagem, no âmbito deste tema, segundo o Programa de Matemática do Ensino Básico (M.E., 2007b) são

> explorar, analisar, interpretar e utilizar informação de natureza estatística; selecionar e usar métodos estatísticos apropriados para recolher, organizar e representar dados; planear e realizar estudos que envolvam procedimentos estatísticos, interpretar os resultados obtidos e formular conjeturas a partir deles, utilizando linguagem estatística (p. 42)

- ✓ **<u>Pedir aos alunos que observem um gráfico e interpretem oralmente os resultados.</u>**

Pedi aos alunos para observarem uma imagem de um gráfico e que tentassem interpretar oralmente os resultados, para verificar o que sabiam e se chegavam a algum resultado. A prática de exercícios deste género pode ser útil na simplificação dos cálculos e na validação dos resultados.

Segundo Rosa, Neves e Vaz (2011),

> o gráfico circular é uma representação que, tendo por base um círculo, revela a forma como os dados se distribuem pelas categorias. É uma representação muito usada na comunicação social e os alunos têm, de um modo geral, grande facilidade na sua interpretação. (p. 65)

A tecnologia assume um papel muito importante no tratamento de dados. Os alunos já devem estar familiarizados com o uso de ferramentas tecnológicas, assim sendo, as atividades com gráficos circulares são particularmente adequadas ao uso do quadro interativo. O professor, durante a sua profissão, para que as suas aulas corram como pretende, deve saber utilizar todos os materiais de que dispõe, consoante os temas lecionados, proporcionando aos alunos melhores aprendizagens. Segundo Ponte e Serrazina (1998, citado por Silveira-Botelho, 2009), "os formandos devem tomar contacto com aplicações como (…) programas de apresentação, (…) *software* educativo orientado para a aprendizagem de disciplinas específicas, bem como a internet, tanto na vertente de consulta como na vertente de produção" (pp. 150 – 151).

- ✓ **<u>Mostrar uma tabela de frequências e a partir daí explicar como se constrói um gráfico circular.</u>** Através de *Powerpoint*, projetei no quadro uma tabela de frequências acerca de um problema e, a partir dessa tabela expliquei como era construído o gráfico circular e como era composto. Como dizem Rosa, Neves e Vaz (2011) "a construção de um gráfico circular pode não ser uma tarefa fácil para alguns dos alunos pois exige cálculos, uso do transferidor e rigor na medição e no traçado" (p. 66)

  Nesta altura pretende-se que o aluno já tenha adquirido as capacidades necessárias para o uso de materiais como o compasso ou transferidor, de modo a que consigam efetuar cálculos com algum rigor, para que possam elaborar gráficos circulares, entre outros que possam vir a ser necessários.

  Segundo o Programa de Matemática do Ensino Básico (M.E., 2007b, p. 43), relativamente à organização e tratamento de dados, existem alguns tópicos e objetivos específicos a ser trabalhados com os alunos, como os exemplificados de seguida: Construir e interpretar tabelas de frequências absolutas e relativas, gráficos de barras, circulares, de linha e diagramas de caule-e-folhas; Interpretar os resultados que decorrem da organização e representação de dados, e formular conjeturas a partir desses resultados; Utilizar informação estatística para resolver problemas e tomar decisões.

- ✓ **<u>Explicar de que modo se pode obter a amplitude de um ângulo, partindo de uma tabela de frequências.</u>** De seguida, partindo de uma tabela de frequências, expliquei como se calculam as amplitudes dos ângulos, de modo a que se possam representar os setores no gráfico. Para tal, indiquei aos alunos que a soma das amplitudes dos ângulos de todos os setores teria de dar o valor de 360º. Os alunos realizaram os cálculos necessários para obter as amplitudes dos ângulos necessários à construção do gráfico.

  Segundo Rosa, Neves e Vaz (2011) "espera-se que os alunos percebam como calcular a amplitude do setor que representa uma dada frequência relativa e se sintam aptos a construir gráficos circulares" (p. 66).

  Neste tópico, o professor pode recorrer a diversas tarefas a propor aos alunos, o que lhes permite enriquecer as suas aprendizagens, uma vez que são evidentes as conexões que existem dentro da própria matemática e em relação a outras áreas do saber, como as Ciências da Natureza ou a História e Geografia de Portugal.

- ✓ **Entregar a cada aluno material para construir um gráfico circular, ao mesmo tempo da explicação no quadro.** Entreguei material aos alunos para a construção do gráfico circular e estes, iam seguindo a explicação dada por mim no quadro, com materiais, e efetuavam no lugar, ao mesmo tempo, passo por passo, a mesma construção. É muito importante, no meu ver, que os alunos manipulem o material e tomem contacto com o mesmo e com as dificuldades com que se deparam, para as poderem ultrapassar.

  Ao trabalharem os materiais estão também a trabalhar a motricidade fina e, ao mesmo tempo, estes materiais contribuem para um maior interesse do aluno e um melhor entendimento do que é ensinado. Moreira e Oliveira (2004, p. 51) referem que "é necessário proporcionar diversos tipos de experiências de aprendizagem, tendo em conta aspetos transversais destas e o uso de determinados recursos".

  Qualquer atividade lúdica proporciona à criança um conjunto de experiências que permitem desenvolver o raciocínio matemático, assim sendo, como futura professora penso que seja importante tornar as aulas lúdicas, para que os alunos participem, se interessem e que concentrem a atenção nessa nova aprendizagem.

  De acordo com Royo (1996, citado em Caldeira, 2009 a, p. 25) "o material na prática educativa responde a um consenso generalizado na relação com a sua utilidade, pois é estruturador do ensino, recurso da prática e modelador das capacidades e personalidade da criança."

- ✓ **Após a construção de um gráfico circular, realizar exercícios com os alunos, através de uma proposta de trabalho.** As propostas de trabalho são uma das formas de se avaliar a aprendizagem dos alunos. Estas não devem ser constantemente utilizadas, mas são úteis para finalidades específicas, como é o caso. Assim, esta proposta tinha como objetivo avaliar o conhecimento dos alunos, sobre o conteúdo abordado em sala de aula pela primeira vez, que era a interpretação e construção de gráficos circulares.

  Ponte e Serrazina (2000, p. 232) referem que "as fichas de trabalho constituem um material de ensino muito usado pelos professores e servem igualmente como instrumento de avaliação".

1.2.5. Planificação 5 (5.º Ano - Ciências da Natureza)

Plano de Aula

Faixa Etária: 5.º ano C **Tempo:** 90 minutos **Data:** 22 de novembro de 2011

Área: Ciências da Natureza

Conteúdos	Procedimentos/Métodos
• **Locomoção** (revisões)**:** - Locomoção no solo (salto e reptação) - Locomoção na água	- Continuar com as revisões sobre a locomoção no solo (salto e reptação), após as revisões do meu par de estágio, Rute Costa, através de PowerPoint. - Conhecer as diferentes formas do corpo dos animais, de acordo com o seu modo de locomoção. - Distinguir as formas de locomoção: o salto e a reptação. - Relacionar o modo de locomoção dos animais de acordo com o seu habitat. - Rever a locomoção de alguns animais na água, de acordo com o seu habitat. - Recordar e utilizar corretamente o termo *membrana interdigital*. - Concluir a aula com a realização de uma proposta de trabalho e de atividades lúdicas, juntamente com o meu par de estágio.
Competências	
Capacidades/Destrezas	**Valores/Atitudes**
- Raciocínio Lógico: Relacionar, aplicar. - Orientação espácio-temporal: saber situar, reconhecer.	- Responsabilidade: respeito, interesse. - Criatividade: imaginação, curiosidade.
Material: Powerpoint, propostas de trabalho, material para as atividades lúdicas.	

✓ **Continuar com as revisões sobre a locomoção no solo (salto e reptação), após as revisões do meu par de estágio, através de Powerpoint.** Iniciei a aula com a continuação do tema dado pela minha colega de estágio. Para tal dialoguei com os alunos para tentar perceber o que já sabiam, detetando as conceções alternativas dos mesmos, em relação à locomoção no solo, mais especificamente em relação ao salto e à reptação. De acordo com Giordan (1991) e Valadares (1995), citados em Mota, Viana e Isaías (2010),

> a partir do conhecimento das conceções manifestadas pelos alunos – os sistemas concetuais alternativos – o professor deve adotar estratégias e materiais que as ataquem nos seus pontos fracos, facilitando a aprendizagem significativa das ideias cientificamente corretas. (p. 24)

A maior parte das pessoas interessa-se por temáticas como a vida e os seres vivos, o Universo, a comunicação. As explicações que estas possuem são cada vez mais fornecidas pelos *media* do que pela escola. Cada vez mais as pessoas devem ser cientificamente cultas para serem capazes de interpretar e reagir a decisões e de se tornarem autónomos no seu pensamento crítico. Por isso, a educação em ciências nos primeiros anos é importante, pois desde cedo que as atividades das crianças estão recheadas de ciência, estando relacionadas com as suas brincadeiras.

Assim sendo, e de acordo com Harlen (2006, p. 6) a educação em ciências deve ser vista, primeiramente, como promotora da literacia científica, como uma "ampla compreensão das ideias – chave da Ciência, evidenciada pela capacidade de aplicar essas ideias aos acontecimentos e fenómenos do dia-a-dia e a compreensão das vantagens e limitações da atividade científica e da natureza do conhecimento científico."

O professor deve transmitir conhecimentos científicos, proporcionar à criança vivências de diversas situações, aprendizagens concetuais, ajudar na construção do pensamento científico e despertar na criança curiosidade e interesse pelas ciências.

- ✓ **Conhecer as diferentes formas do corpo dos animais, de acordo com o seu modo de locomoção.** Ao falar da locomoção é necessário referir as diferentes formas do corpo dos animais, pois estes têm diversas formas de se mover, quer no solo, quer na água ou no ar. Como tal, dialoguei com os alunos explicando as diferentes formas do corpo conforme o que pretendia, sendo necessária a ajuda de uma apresentação em *Powerpoint*. De acordo com Silveira-Botelho (2009, p. 139) "a introdução das novas tecnologias tem como objetivo facilitar e melhorar a gestão administrativa das escolas." A utilização deste tipo de tecnologias é importante no 2.º Ciclo do Ensino Básico, até porque auxilia o professor no seu discurso e na explicação explícita de algum tipo de imagem, sendo esta visualizada com melhor qualidade.

Também foi importante fazer aqui a passagem das conceções dos alunos para uma nova aprendizagem de conceitos científicos, tendo em vista a mudança concetual. No que respeita à aprendizagem das Ciências, de acordo com Martins et al. (2007):

> dá-se especial relevo às conceções alternativas dos alunos sobre conceitos centrais e suas implicações para outras aprendizagens. Sistematizam-se caraterísticas das conceções alternativas e possíveis origens. Exploram-se estratégias de identificação das ideias dos alunos e discutem-se propostas didáticas que possam tê-las em conta. (p. 6)

- ✓ **<u>Distinguir as formas de locomoção: o salto e a reptação.</u>** No decorrer da aula, consoante a apresentação em *Powerpoint* que elaborei, fui explicando o tema, nomeadamente as diferentes formas de locomoção dos animais – salto e reptação, consoante o que está estipulado no programa de Ciências da Natureza do 2.º Ciclo do Ensino Básico. Conforme indica o Currículo Nacional do Ensino Básico de Ciências Físicas e Naturais do Ministério da Educação (M.E., 2007a):

  > O conhecimento científico não se adquire simplesmente pela vivência de situações quotidianas pelos alunos. Há necessidade de uma intervenção planeada do professor, a quem cabe a responsabilidade de sistematizar o conhecimento, de acordo com o nível etário dos alunos e dos contextos escolares. (p. 129)

  Como tal, tentei planear a aula de modo a sistematizar o conhecimento dos alunos, explicando as formas como se deslocam os animais, dando exemplos de animais que saltam e de animais que rastejam.

- ✓ **<u>Relacionar o modo de locomoção dos animais de acordo com o seu habitat.</u>** Ao abordar o tema da locomoção é importante relacionar o modo de locomoção dos animais com o seu habitat, uma vez que um dos objetivos gerais do Programa de Ciências da Natureza do 2.º Ciclo do Ensino Básico (M.E., 2007a) é "compreender as relações entre as caraterísticas dos organismos e os ambientes onde eles vivem." (p. 9). Assim, o interesse dos alunos pelo mundo vivo deve, neste ciclo, ser ampliado para realidades que os alunos não conhecem diretamente.

- ✓ **<u>Rever a locomoção de alguns animais na água, de acordo com o seu habitat.</u>** Tal como já referi anteriormente, este é um dos objetivos gerais do Programa de Ciências da Natureza do 2.º Ciclo do Ensino Básico e, como tal, fiz uma revisão da locomoção de alguns animais na água, dando exemplos de animais e dos seus habitats.

- ✓ **<u>Recordar e utilizar corretamente o termo *membrana interdigital*.</u>** Nesta parte da aula fiz referência a um conceito que aparece no manual dos alunos o qual tem grande importância. Pretende-se que os alunos saibam utilizar corretamente o termo *membrana interdigital*, muito importante quando se fala em alguns animais que se deslocam na água.

Relativamente às Competências Específicas das Ciências Físicas e Naturais, do Currículo Nacional do Ensino Básico do Ministério da Educação (M.E., 2007a, p. 140) "sugere-se a discussão de conceitos e teorias científicos, criando situações de resolução de problemas de modo a promover a compreensão sobre a natureza da Ciência."

É relevante discutir conceitos científicos como o que foi referido, pois só assim se promovem novas aprendizagens nos alunos de modo a que estes compreendam a natureza científica.

- ✓ **Concluir a aula com a realização de uma proposta de trabalho e de atividades lúdicas, juntamente com o meu par de estágio.** Para concluir a aula eu e a minha colega elaboramos uma proposta de trabalho simples, de modo a aferir as aprendizagens dos alunos relativamente ao tema e atividades lúdicas que, no meu entendimento como futura professora, devem ser proporcionadas às crianças de modo a desenvolver o raciocínio. Segundo o Ministério da Educação (1991) é importante e fundamental "o desenvolvimento de capacidades de expressão oral, escrita e gráfica, recorrendo a meios de natureza." (p. 187)

  As propostas de trabalho são uma das formas que o professor possui para avaliar as aprendizagens dos alunos. Ponte e Serrazina (2000, p. 232) referem que "as fichas de trabalho constituem um material de ensino muito usado pelos professores e servem igualmente como instrumento de avaliação." No entanto, os mesmos autores salientam que "não se prestam a avaliar objetivos como a capacidade de raciocínio, as atitudes e os valores.

1.2.6. Planificação 6 (5.º Ano - Ciências da Natureza)

Escola Pública de Lisboa

Plano de Aula

Faixa Etária: 5.º Ano
Tempo: +/- 45 minutos
Data: 20 de março de 2012

Área: Ciências da Natureza

Estagiária: Patrícia Teixeira

Ano: Mestrado em 1.º e 2.º Ciclos

Conteúdos	Procedimentos/Métodos
❖ **As plantas e a variação dos fatores do meio**	- Iniciar a aula com conversa com os alunos acerca dos fatores do meio que influenciam as plantas. - Demonstrar, em *powerpoint*, algumas imagens de plantas. - Conhecer diferentes aspetos das plantas relacionados com a variação dos fatores do meio. - Explicar a diferença entre plantas de folha caduca e plantas de folha perene. - Conhecer a morfologia de plantas mesófitas, hidrófitas, higrófitas e xerófitas. - Realização de uma ficha formativa.
Competências	
Capacidades/Destrezas	**Valores/Atitudes**
• Orientação espácio-temporal: situar e reconhecer. • Classificação: Identificar, comparar.	• Responsabilidade: respeito e interesse. • Criatividade: imaginação, curiosidade.
Material: powerpoint e ficha formativa.	

✓ **Iniciar a aula com conversa com os alunos acerca dos fatores do meio que influenciam as plantas.** É um dos objetivos gerais do Programa de Ciências Naturais no 2.º Ciclo, "compreender as relações entre as características dos organismos e os ambientes onde eles vivem" (M.E., 2007a, p. 9).

Todas as crianças poderão já ter observado que muitas sementes lançadas ao solo dão origem a novas plantas. Mas, nem todas terão consciência dos fatores do ambiente que influenciam essa transformação. Assim, torna-se importante a conversa com os alunos de modo a detetar as suas conceções alternativas acerca dos fatores do ambiente que influenciam as plantas.

De acordo com Carrascosa (2005) e Pozo e Gómez Crespo (1998), citados em Martins et al. (2007), as conceções alternativas podem ter origens muito diversas, destacando-se, a origem sensorial, a origem cultural e a origem escolar.

Cabe assim ao professor, atendendo às suas conceções alternativas, levar as crianças a percorrer o caminho correto.

- ✓ **Demonstrar, em *powerpoint*, algumas imagens de plantas.** Os professores devem diversificar as estratégias utilizadas em sala de aula de modo a promover uma melhor aprendizagem dos seus alunos. Deste modo, Pato (1995) refere que "o professor tem que recorrer (…) a pedagogias diferenciadas que perspectivem a progressão individual dos alunos, num contexto educativo e sociocultural (…)" (p. 9), estando sempre estas estratégias adequadas ao tipo de turma que temos e ao tipo de aula.

  Ao recorrer à ajuda de *powerpoint* tentei diversificar a estratégia do que é o habitual, tornando a aprendizagem mais motivadora. A meu ver, o recurso às novas tecnologias em sala de aula é algo bem-sucedido pois, e principalmente quando o conteúdo não propicia à realização de atividades experimentais, proporciona uma aula diferente e motivadora para os alunos.

- ✓ **Conhecer diferentes aspetos das plantas relacionados com a variação dos fatores do meio.** Neste ponto da aula quis que os alunos conhecessem os diferentes aspetos das plantas, através de imagens que apresentei, de modo a que os alunos pudessem realizar a mudança conceptual das ideias iniciais.

  Segundo Ramsey citado por Vieira (2000, p. 42) "todos os alunos de ciências serão elementos integrantes de uma sociedade e, enquanto cidadãos tornam-se responsáveis pelos riscos e benefícios do conhecimento, dos produtos e dos sistemas científicos e tecnológicos". Importa, assim, criar-lhes espaços para refletirem sobre as diversas temáticas de ciências.

- ✓ **Explicar a diferença entre plantas de folha caduca e plantas de folha perene.** Relativamente a esta parte da aula, e fazendo referência às Competências Específicas das Ciências Físicas e Naturais, do Currículo Nacional do Ensino Básico do Ministério da Educação (M.E., 2007a) surgem "a discussão de conceitos e teorias científicos, criando situações de resolução de problemas de modo a promover a compreensão sobre a natureza da Ciência" (p. 140).

  Após várias imagens e explicação dos conteúdos, os alunos conseguiram compreender a diferença entre os dois conceitos.

- ✓ **Conhecer a morfologia de plantas mesófitas, hidrófitas, higrófitas e xerófitas.** Nesta altura torna-se importante e fundamental explicar estes conceitos, que definem a morfologia das plantas. Conforme as metas de aprendizagem é fundamental conhecer a vegetação xerófita e este conceito.

  Procurei, assim, ir ao encontro do pressuposto na Educação em Ciências, como menciona Jorge (1991), os alunos devem, entre outras, "desenvolver capacidades como, por exemplo, testar ideias, formular hipóteses, observar, planear e realizar experiências, problematizar, controlar variáveis, interpretar informação, conceptualizar, pensar afinal" (p. 36). Desta forma, os alunos puderam observar, formular hipóteses e interpretar os conteúdos apresentados.

- ✓ **Realização de uma ficha formativa.** A ficha formativa contribui para a consolidação dos conteúdos lecionados durante a aula. Tentei que os alunos a realizassem de forma autónoma.

  Segundo o Ministério da Educação (1991) "as actividades a realizar (…) devem ter um aumento gradual de formalização, desde as tarefas mais simples às mais complexas", mas também é importante e fundamental "o desenvolvimento de capacidades de expressão oral, escrita e gráfica, recorrendo a meios de natureza" (p. 187).

  Esta ficha tinha exercícios simples e concisos, de forma que os alunos pudessem colocar na forma escrita os conhecimentos que adquiriram ao longo da aula.

1.2.7. Planificação 7 (4.º Ano - Estudo do Meio)

Escola Superior de Educação João de Deus

Jardim-Escola João de Deus

Plano de Aula

Faixa Etária: 4.º Ano
Tempo: +/- 20 minutos
Data: 8 de maio de 2012

Área: Estudo do Meio

Estagiária: Patrícia Teixeira
Ano: Mestrado
N.º: 9

Conteúdos	Procedimentos/Métodos
• **Poluição Sonora**	- Iniciar a aula com uma questão inicial acerca da poluição sonora, em *Powerpoint*; - Dialogar com os alunos e explicar o que é a poluição sonora; - Identificar as causas e consequências da poluição sonora; - Mostrar um modelo de uma caixa à prova de som, para explicar a poluição sonora dentro de locais fechados, como discotecas; - Referir algumas curiosidades acerca da poluição sonora; - Pedir que os alunos escrevam algumas medidas de prevenção, a pares; - Concluir a aula explicando algumas medidas de prevenção.
Competências	
Capacidades/Destrezas	**Valores/Atitudes**
- Orientação espácio-temporal: situar e reconhecer. - Raciocínio lógico: relacionar e aplicar.	- Respeito: ouvir e dialogar. - Criatividade: imaginação e curiosidade.
Material: *Powerpoint*, modelo de caixa à prova de som e ficha formativa.	

✓ **Iniciar a aula com uma questão inicial acerca da poluição sonora, em *Powerpoint*.**

Antes de dar o tema aos alunos, utilizei um *powerpoint* onde coloquei uma questão inicial de modo a que os alunos chegassem ao tema da aula.

O professor, para que as suas aulas funcionem da melhor forma possível, deve aproveitar todos os recursos que tem à sua disposição e saber utilizá-los consoante os objetivos a que se propõe, proporcionando às crianças melhores formas de aprender.

Segundo Silveira-Botelho (2009),

> os formandos devem tomar contacto com aplicações como (…) programas de apresentação (como *powerpoint*), correio electrónico, *software* educativo orientado para a aprendizagem de disciplinas específicas, bem como a Internet, tanto na vertente de consulta como na vertente de produção (pp. 150-151).

Desta forma os alunos chegaram ao tema pretendido e prestaram atenção ao que apresentei, podendo assim dialogar com eles sobre o tema.

- ✓ **Dialogar com os alunos e explicar o que é a poluição sonora.** Neste ponto pude absorver a informação que me foi transmitida pelos alunos, ouvindo as suas ideias e as suas conceções alternativas. Depois passei à explicação do tema, sendo este um dos objetivos do programa a cumprir e, também, um tema que vem no manual dos alunos.

  O manual escolar pode ser uma boa ferramenta para as aulas, mas o professor tem outros recursos que pode utilizar, como refere Sanches (2001) "o manual é um bom recurso, mas não o único a ser utilizado, não será de seguir à risca o que é proposto. É preciso recriar o manual" (p. 26). Uma das estratégias possíveis foi questionar os alunos sobre o tema e a partir daí, e do que estes referiram, seguir o planeado.

- ✓ **Identificar as causas e consequências da poluição sonora.** A partir do que os alunos referiram em relação à poluição sonora, levei-os a pensar sobre as causas e consequências existentes. Os alunos têm um conhecimento prévio, não são como "tábuas rasas" e é importante identificar esse conhecimento e, perceber se ele é rigoroso pois, como refere Santos (1998) "há (…) que ter em conta os conhecimentos prévios dos alunos e particularmente as suas concepções alternativas. São elas que, marcadamente, influenciam as observações e interpretações que fazem em sala de aula" (p. 173). Deste modo, ao detetar as suas conceções o professor pode mudar e corrigir o pensamento da criança sempre que necessário e realizar uma mudança conceptual.

- ✓ **Mostrar um modelo de uma caixa à prova de som, para explicar a poluição sonora dentro de locais fechados, como discotecas.** Nesta altura da aula apresentei um modelo de uma caixa à prova de som, de modo a que as crianças compreendessem a poluição sonora em locais fechados.

  Com este tipo de atividade, a criança torna-se mais participativa, o ambiente da sala de aula mais aprazível e as relações estabelecidas entre professor/aluno vinculam-se. Como refere Dohme (2008, p. 12) "é o aluno participando da própria descoberta do conhecimento", ou seja, a sua participação torna-se ativa e a criança deixa de ser um elemento passivo podendo, por isso, colocar-se no centro da ação e, assim, pesquisar, investigar e aplicar os seus conhecimentos de uma forma lúdica.

- ✓ **Referir algumas curiosidades acerca da poluição sonora.** Após a experiência vivenciada referi algumas curiosidades acerca da poluição, pois são essas mesmas que despertam os sentidos das crianças e o gosto pela ciência.

- ✓ **<u>Pedir que os alunos escrevam algumas medidas de prevenção, a pares.</u>** Mais uma vez tentei que os alunos detetassem as suas conceções, mas desta vez a pares, para que pudessem discutir as suas ideias e debaterem sobre as mesmas, para que depois chegassem a uma conclusão.

  Carneiro (2000) diz que "o trabalho cooperativo influencia positivamente o resultado final do trabalho realizado, a motivação, o raciocínio, e as competências sociais de cada aluno" (p. 94). Os alunos beneficiam a vários níveis com o trabalho em equipa. A motivação é um dos aspetos que é positivamente influenciado pelo trabalho de grupo. A cooperação promove um maior envolvimento com as tarefas e uma maior motivação intrínseca para aprender.

- ✓ **<u>Concluir a aula explicando algumas medidas de prevenção.</u>** Para a conclusão da aula, e após ouvir algumas das medidas que os alunos escreveram, expliquei as mesmas, de acordo com o que tinha planeado.

1.2.8. Planificação 8 (4.º Ano - Matemática)

Escola Superior de Educação João de Deus

Faixa Etária: 4.º Ano **Tempo:** +/- 60 minutos **Data:** 18 de maio de 2012	Jardim-Escola João de Deus **<u>Plano de Aula</u>** **Área:** Matemática	**Estagiária:** Patrícia Teixeira **Ano:** Mestrado **N.º:** 9

Conteúdos	**Procedimentos/Métodos**
• **Propriedade distributiva da multiplicação em relação à adição**	- Iniciar a aula com um *Powerpoint* revendo o conceito de multiplicação. - Mostrar uma banda desenhada para rever as propriedades da multiplicação. - Explicar a propriedade distributiva da multiplicação em relação à adição, dando exemplos. - Realizar exercícios com material não estruturado (pedrinhas coloridas). - Terminar a aula com uma ficha formativa.
Competências	
Capacidades/Destrezas	**Valores/Atitudes**
- Raciocínio Lógico: Fluidez mental e aplicar. - Orientação espácio-temporal: explorar e sequenciar.	- Responsabilidade: respeito e interesse. - Cooperação: compreender e colaborar.
Material: *Powerpoint*, material não estruturado (pedrinhas coloridas) e ficha formativa.	

- ✓ **Iniciar a aula com um *Powerpoint* revendo o conceito de multiplicação.** Nesta aula fiz uso das novas tecnologias, aproveitando o quadro interativo para projetar o meu *powerpoint*, que serviu de apoio à aula de matemática. De acordo com Silveira-Botelho (2009) a "utilização adequada das novas tecnologias é aquela que permite expandir, enriquecer, diferenciar, individualizar (…), as actividades desenvolvidas em redor da tecnologia devem ser perspectivadas como novas oportunidades educativas mas integradas num todo que lhes atribuirá e reforçará o seu sentido" (p. 124).

  Ao utilizar o quadro interativo e o *powerpoint* pude projetar o que tinha planeado, de forma a rever o conceito da multiplicação.

- ✓ **Mostrar uma banda desenhada para rever as propriedades da multiplicação.** Neste sentido, mostrei uma banda desenhada, que aparece em alguns manuais, para rever as propriedades da multiplicação. No meu ver, a banda desenhada expressava exatamente o que eu queria explicar aos alunos, de uma forma apelativa, pois cativou os alunos.

  Realizar revisões é importante, mas a grande maioria dos alunos refere-se a este tipo de situação como sendo um momento mais maçador. No entanto, Meirieu (1998) refere que "o problema da «revisão», que muitos jovens têm dificuldade em perceber, é que rever é reconstruir e não simplesmente uma tentativa para recordar conhecimentos anteriormente adquiridos" (p. 82).

  Assim, e com a ajuda da banda desenhada, foi possível rever o conteúdo, pois muitas vezes as revisões dos conteúdos ajudam a criança a relembrar e a fortalecer o seu conhecimento.

- ✓ **Explicar a propriedade distributiva da multiplicação em relação à adição, dando exemplos.** De acordo com o Programa de Matemática do Ensino Básico do Ministério da Educação (2007b), "os alunos devem: compreender e ser capazes de usar as propriedades dos números inteiros e racionais, e desenvolver a noção de número real" (p. 48).

  Ao nível da matemática é importante que os alunos não esqueçam as propriedades da multiplicação. Além de fazer parte do programa, é importante compreender a matemática pois esta desenvolve o raciocínio.

- ✓ **Realizar exercícios com material não estruturado (pedrinhas coloridas).** É muito importante a criança tomar contacto com materiais manipuláveis, quer sejam eles

estruturados ou não, pois de certa forma contribuem para um maior interesse e atenção da criança, como também para uma maior perceção e entendimento do que está a ser ensinado, contribuindo para o conhecimento matemático da criança.

Moreira e Oliveira (2004) referem que "é necessário proporcionar diversos tipos de experiências de aprendizagem, tendo em conta aspectos transversais destas e o uso de determinados recursos" (p. 51).

No meu entendimento, como futura professora, qualquer atividade lúdica proporciona à criança um conjunto de experiências que proporcionam o desenvolvimento e raciocínio matemático.

- ✓ **Terminar a aula com uma ficha formativa.** As fichas formativas são uma das formas que o professor possui para verificar e avaliar a aprendizagem dos alunos. Não se deve fazer sempre, mas ajuda o professor, quando tem uma finalidade muito específica.

  Ponte e Serrazina (2000) referem que "as fichas de trabalho constituem um material de ensino muito usado pelos professores e servem igualmente como instrumento de avaliação" (p. 232). No entanto, não é um método que avalie o seu todo das capacidades de cada aluno, tendo certas limitações.

  Os mesmos autores salientam que "não se prestam a avaliar objectivos como a capacidade de raciocínio, as atitudes e os valores". Foi assim que terminei então a minha aula, conseguindo obter os resultados que pretendia com a ficha formativa.

1.3. Dispositivos de Avaliação

No capítulo das avaliações serão apresentados quatro dispositivos de avaliação relativos a quatro propostas de trabalho realizadas em contexto de sala de aula. Os dispositivos de avaliação serão contextualizados e, cientificamente fundamentados.

No decorrer do capítulo apresentarei a descrição de parâmetros e critérios de avaliação, as cotações estabelecidas, assim como a grelha de avaliação com a respetiva descrição e, um quadro das cotações atribuídas. Os resultados obtidos aparecerão num gráfico com a respetiva interpretação.

A avaliação é uma componente curricular fundamental, que pode estar presente em vários momentos da aprendizagem do aluno, auxiliando também o professor, pois tem como principal objetivo melhorar as condições de aprendizagem e verificar os

resultados obtidos ao longo de todo este processo. Segundo o Ministério da Educação (2002a),

> a avaliação é um elemento integrante e regulador das práticas pedagógicas, mas assume também uma função de certificação das aprendizagens realizadas e das competências desenvolvidas. Além disso, tem influência nas decisões que visam melhorar a qualidade do ensino, assim como na confiança social quanto ao funcionamento do sistema educativo. (p. 9)

A maioria dos autores considera a avaliação um elemento essencial no processo de ensino, como tal, quer-se que a avaliação das aprendizagens seja igual, em termos de critérios e que, os alunos, tenham iguais oportunidades de ensino.

A avaliação pode ser interna ou externa. Esta última diz respeito às provas de exame e às provas de aferição. A avaliação interna divide-se em três tipos: a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação sumativa. De acordo com os programas, a avaliação deve orientar-se, fundamentalmente, para a regulação contínua e individualizada da aprendizagem dos alunos, devendo esta ser uma avaliação formativa.

As avaliações que fazem parte deste capítulo são do tipo formativas pois visam identificar as dificuldades dos alunos e, asseguram que os processos se vão adequando às características dos mesmos, permitindo a adaptação do ensino às diferenças de cada aluno.

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1989),

> a avaliação formativa acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que se possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam. (p. 348)

Como futuros professores é importante termos uma noção daquilo que vamos avaliar e as razões dessa avaliação, pois só assim conseguiremos desenvolver as aprendizagens nas crianças. A avaliação não se deve cingir apenas a um aspeto, como um teste ou uma proposta de trabalho única, mas sim a um grupo de elementos que, ao longo do tempo, possam avaliar e quantificar os conhecimentos já adquiridos pelo aluno. É sobretudo através da avaliação formativa, realizada no contexto de sala de aula que, o processo educativo é analisado, é com ele que se observa o que está a acontecer, se investigam os problemas que surgem e, que se manifestam mais ou menos abertamente. Tudo isto acontece no desenrolar da rotina da sala de aula, em conformidade com as atividades didáticas de cada disciplina.

Existem, no entanto, outros tipos de avaliação que não farão parte deste relatório, mas que considero de igual importância na educação. São elas a avaliação diagnóstica e a avaliação sumativa. A avaliação diagnóstica pretende proceder à análise dos conhecimentos e aprendizagens que o aluno possui num determinado momento, face ao iniciar de novas aprendizagens.

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1989), a avaliação diagnóstica

> pretende averiguar a posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagem que serve de base àquelas, no sentido de obviar a dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações presentes. (p.79)

A avaliação sumativa pretende sumariar os resultados obtidos num determinado contexto educativo em função de determinados critérios.

Segundo o Ministério da Educação (2002a), a avaliação sumativa

> pretende representar um sumário, uma apreciação "concentrada", de resultados obtidos numa situação educativa. Esta avaliação tem lugar em momentos específicos, por exemplo no fim de um curso, de um ano, de um período letivo ou de unidade de ensino. Pretende, geralmente, traduzir de forma breve, codificada, a distância a que se ficou de uma meta que, explícita ou implicitamente, se arbitrou ser importante de atingir. (p.39)

Avaliar é analisar cuidadosamente as aprendizagens, o que permite ao docente e ao aluno detetar quais as dificuldades e quais os objetivos atingidos. Para que a avaliação seja bem-sucedida, existem diversos modelos de registo de informação da avaliação, mas as grelhas de avaliação são um elemento bastante utilizado pelos docentes e constituem um suporte de avaliação que permite construir, de forma objetiva, funcional e lógica, a avaliação dos conhecimentos dos alunos sobre um determinado conteúdo programático.

Para Leite e Fernandes (2002, p.60) as grelhas de avaliação proporcionam a "reflexão atenta das práticas e permite melhoramentos contínuos", pois desta forma, os dispositivos de avaliação permitem ao docente uma maior elucidação dos objetivos a que se propuseram a avaliar. Deste modo, pode concluir-se que a avaliação é essencial enquanto elemento estruturante e estruturador das aprendizagens, tornando-se num ato pedagógico de grande relevância na formação integral do aluno.

A avaliação das propostas de trabalho que fazem parte deste capítulo, tanto para o 1.º Ciclo como para o 2.º Ciclo do Ensino Básico, têm por base a escala do tipo Likert. A grelha que será apresentada para cada proposta de trabalho será formada por parâmetros e critérios com a descrição do que os alunos terão de realizar para que, posteriormente, se possa fazer a avaliação dos conteúdos obtendo a respetiva cotação. A classificação apresentada baseia-se na escala tipo Likert, que está representada no

quadro seguinte, permitindo avaliar a qualidade e o nível de rendimento alcançado pelos alunos.

Quadro 5 – Escala de tipo Likert

Avaliação Quantitativa	Avaliação Qualitativa
0 – 2,9	Fraco (F)
3 – 4,9	Insuficiente (I)
5 – 6,9	Suficiente (S)
7 – 8,9	Bom (B)
9 – 10	Muito Bom (MB)

Depois de ser efetuada a classificação, será apresentada uma grelha de avaliação com as cotações atribuídas a cada aluno, terminando com a apresentação das respetivas avaliações num gráfico circular, com a análise do mesmo.

1.3.1. Dispositivo de Avaliação 1 (4.º Ano – Português)

O dispositivo de avaliação de Português será o primeiro a ser apresentado e estará em anexo (Anexo 4). Este dispositivo diz respeito à proposta de trabalho de Português que foi efetuada e avaliada no 4.º ano do Jardim-Escola João de Deus, de modo a aferir os conhecimentos dos alunos em termos de análise gramatical.

A proposta de trabalho foi aplicada no dia 17 de maio de 2011 com uma duração de cerca de 50 minutos, a uma turma com 22 alunos.

O Quadro 6 que será apresentado de seguida, é composto pela descrição de parâmetros, de critérios e das cotações atribuídas a cada questão, para a correção do dispositivo de avaliação.

Esta proposta de trabalho pretende avaliar os parâmetros seguintes:

- Classificar a frase quanto ao tipo e forma;
- Classificar a frase quanto ao tipo e forma;
- Classificar morfologicamente as palavras destacadas na frase;
- Indicar o grau do adjetivo na frase;
- Indicar o grau do adjetivo na frase;
- Classificar sintaticamente a frase.

Quadro 6 – Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Português

	Parâmetros	Critérios		Cotações
1. a)	**Classificar a frase quanto ao tipo e forma**	Classifica a frase quanto ao tipo e forma	**1**	**1**
		Apenas classifica a frase quanto ao tipo ou forma	**0,5**	
		Não classifica a frase	**0**	
1. b)	**Classificar a frase quanto ao tipo e forma**	Classifica a frase quanto ao tipo e forma	**1**	**1**
		Apenas classifica a frase quanto ao tipo ou forma	**0,5**	
		Não classifica a frase	**0**	
2.	**Classificar morfologicamente as palavras destacadas na frase**	Classifica as 4 palavras destacadas	**2**	**2**
		Classifica 3 palavras destacadas	**1,5**	
		Classifica 2 palavras destacadas	**1**	
		Classifica 1 palavra destacada	**0,5**	
		Não classifica nenhuma palavra destacada	**0**	
3. a)	**Indicar o grau do adjetivo na frase**	Indica o grau do adjetivo	**1**	**1**
		Não indica o grau do adjetivo	**0**	
3. b)	**Indicar o grau do adjetivo na frase**	Indica o grau do adjetivo	**1**	**1**
		Não indica o grau do adjetivo	**0**	
4.	**Classificar sintaticamente a frase**	Faz a análise sintática da frase, dividindo a frase e identificando os grupos	**4**	**4**
		Apenas divide a frase e identifica o sujeito, o predicado e o complemento direto e indireto	**3**	
		Apenas divide a frase e identifica o sujeito e o predicado	**2**	
		Apenas divide a frase e não identifica os grupos	**1**	
		Não faz a análise da frase	**0**	

Os critérios que foram definidos pretendem avaliar as capacidades dos alunos relativamente à análise gramatical.

O quadro 7 refere-se à grelha do dispositivo de avaliação de Português, de forma a apresentar as cotações que foram atribuídas a cada parâmetro de avaliação.

Quadro 7 – Grelha do dispositivo de avaliação de Português

	Questões	**1. a)**	**1. b)**	**2.**	**3. a)**	**3. b)**	**4.**	**Total**
	Cotações	**1**	**1**	**2**	**1**	**1**	**4**	**10**
N.º								
1	A	1	1	2	1	1	4	10
2	B	1	1	2	1	1	4	10
3	C	1	1	2	1	1	4	10
4	D	1	1	2	1	1	4	10
5	E	1	1	2	1	1	4	10
6	F	1	1	2	1	1	4	10
7	G	1	1	2	1	1	4	10
8	H	1	1	2	1	1	4	10
9	I	1	1	2	1	1	4	10
10	J	1	1	2	1	1	4	10
11	K	1	1	2	1	1	4	10
12	L	1	1	2	1	1	4	10
13	M	1	1	1,5	1	1	4	9,5
14	N	1	1	2	1	1	4	10
15	O	1	1	2	1	1	3	9
16	P	1	1	2	1	0	3	8
17	Q	1	1	2	1	1	4	10
18	R	1	1	2	1	1	4	10
19	S	1	1	2	1	1	4	10
20	T	1	1	2	1	1	4	10
21	U	1	1	2	1	1	4	10
22	V	1	1	2	1	1	3	9
Média								9,80

Com base nos dados obtidos no quadro 7 podemos observar os resultados da aplicação da proposta de trabalho de Português aos alunos do 4.º Ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Ao consultar a grelha de avaliação podemos observar que, dos 22 alunos que realizaram a proposta de trabalho, um aluno obteve Bom e os restantes vinte e um alunos Muito Bom.

Assim sendo, a média total das classificações atribuídas aos alunos foi de 9,80 valores que, qualitativamente corresponde a um desempenho de Muito Bom.

Pode concluir-se que os resultados obtidos demonstraram o verdadeiro empenho e atenção da turma, sendo que todos eles dominam bem os conteúdos apresentados, não sendo de estranhar que assim seja, uma vez que se encontram no fim do ano letivo.

1.3.2. Dispositivo de Avaliação 2 (4.º Ano – Matemática)

O dispositivo de avaliação de Matemática será o segundo a ser apresentado e estará em anexo (Anexo 5). Este dispositivo diz respeito à proposta de trabalho de Matemática que foi efetuada e avaliada no 4.º ano do Jardim-Escola João de Deus, de modo a aferir os conhecimentos dos alunos no domínio da matemática, relativos ao cálculo de expressões numéricas sobre a propriedade distributiva da multiplicação em relação à adição. A proposta de trabalho foi aplicada no dia 18 de maio de 2012 com uma duração de cerca de 60 minutos, a uma turma com 28 alunos.

O Quadro 8 que será apresentado de seguida, é composto pela descrição de parâmetros, de critérios e das cotações atribuídas a cada questão, para a correção do dispositivo de avaliação.

Quadro 8 – Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Matemática

	Parâmetros	**Critérios**		**Cotações**
1.	**Completar os cálculos nos espaços em branco**	Completa as 3 alíneas corretamente	**3**	**3**
		Completa 2 alíneas corretamente	**2**	
		Completa 1 alínea corretamente	**1**	
		Não completa nenhuma	**0**	
2.	**Calcular o valor das expressões**	Calcula o valor das 2 expressões corretamente	**3**	**3**
		Calcula o valor de 1 expressão corretamente	**1,5**	
		Não calcula o valor de nenhuma expressão	**0**	
3.	**Escrever expressões equivalentes**	Escreve 4 expressões corretamente	**4**	**4**
		Escreve 3 expressões corretamente	**3**	
		Escreve 2 expressões corretamente	**2**	
		Escreve 1 expressão corretamente	**1**	
		Não escreve nenhuma expressão	**0**	

Esta proposta de trabalho pretende avaliar os parâmetros seguintes:

- Completar os cálculos nos espaços em branco;
- Calcular o valor das expressões;

- Escrever expressões equivalentes.

Os critérios que foram definidos pretendem avaliar as capacidades dos alunos em relação ao conteúdo apresentado, o cálculo de expressões numéricas sobre a propriedade distributiva da multiplicação em relação à adição, e em relação à compreensão das operações e à capacidade de cálculo mental e escrito.

O Quadro 9 refere-se à grelha do dispositivo de avaliação de Matemática, de forma a apresentar as cotações que foram atribuídas a cada parâmetro de avaliação.

Quadro 9 – Grelha do dispositivo de avaliação de Matemática

	Questões	**1.**	**2.**	**3.**	**Total**
	Cotações	**3**	**3**	**4**	**10**
N.º					
1	A	2	3	3	8
2	B	3	1,5	2	6,5
3	C	2	1,5	1	4,5
4	D	2	3	3	8
5	E	1	0	1	2
6	F	3	1,5	4	8,5
7	G	0	1,5	0	1,5
8	H	2	3	2	7
9	I	1	0	1	2
10	J	2	1,5	3	6,5
11	K	3	1,5	2	6,5
12	L	1	1,5	1	3,5
13	M	1	0	1	2
14	N	1	1,5	2	4,5
15	O	2	3	3	8
16	P	0	1,5	2	3,5
17	Q	1	1,5	3	5,5
18	R	3	3	4	10
19	S	2	1,5	2	5,5
20	T	3	1,5	2	6,5
21	U	1	0	1	2
22	V	2	3	1	6
23	W	1	1,5	0	2,5
24	X	1	0	0	1
25	Y	2	1,5	1	4,5
26	Z	3	1,5	2	6,5
27	AA	2	3	2	7
28	AB	2	1,5	1	4,5
Média					5,14

Ao consultar a grelha de avaliação podemos observar que, dos 28 alunos que realizaram a proposta de trabalho, um aluno obteve Muito Bom, seis alunos obtiveram Bom, oito alunos obtiveram Suficiente, seis alunos obtiveram Insuficiente e sete alunos obtiveram Fraco. Assim sendo, a média total das classificações atribuídas aos alunos foi de 5,14 valores que, qualitativamente corresponde a um desempenho de Suficiente.

Pode concluir-se que uma maioria significativa obteve uma classificação positiva, mas muitos alunos têm dificuldade ao nível deste conteúdo, não atingindo os objetivos propostos para esta atividade. Como tal, devo ter mais atenção e promover junto destes alunos a realização de novos exercícios, orais e escritos, de forma a superarem estas dificuldades.

1.3.3. Dispositivo de Avaliação 3 (6.º Ano – Matemática)

O terceiro dispositivo de avaliação a ser apresentado será o de Matemática e estará em anexo (Anexo 6). Este dispositivo diz respeito à proposta de trabalho de Matemática que foi efetuada e avaliada no 6.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico, de modo a aferir os conhecimentos dos alunos na área da Matemática, relativamente aos conteúdos estudados, nomeadamente acerca do inverso de um número racional não negativo e divisão de números racionais.

A proposta de trabalho foi aplicada no dia 20 de janeiro de 2012 com uma duração de cerca de 45 minutos, a uma turma com 28 alunos, estando presentes apenas 25 alunos.

O Quadro 10 que será apresentado de seguida, é composto pela descrição de parâmetros, de critérios e das cotações atribuídas a cada questão, para a correção do dispositivo de avaliação. Esta proposta de trabalho pretende avaliar os parâmetros seguintes:

- Indicação do inverso de um número;
- União de representações de números inversos;
- Completa de modo a obter afirmações verdadeiras;
- Resolução de um problema;
- Resolução de um problema.

Os critérios que foram definidos pretendem avaliar as capacidades dos alunos em relação ao conteúdo apresentado, o inverso de um número racional não negativo e também ao conteúdo da divisão de números racionais.

Quadro 10 – Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Matemática

	Parâmetros	Critérios		Cotações
1.	**Indicação do inverso de um número**	Indicou 6 inversos corretamente	**1,5**	**1,5**
		Indicou 5 inversos corretamente	**1,25**	
		Indicou 4 inversos corretamente	**1**	
		Indicou 3 inversos corretamente	**0,75**	
		Indicou 2 inversos corretamente	**0,5**	
		Indicou 1 inverso corretamente	**0,25**	
		Não indicou nenhum inverso	**0**	
2.	**União de representações de números inversos**	Uniu 6 representações corretamente	**1,5**	**1,5**
		Uniu 5 representações corretamente	**1,25**	
		Uniu 4 representações corretamente	**1**	
		Uniu 3 representações corretamente	**0,75**	
		Uniu 2 representações corretamente	**0,5**	
		Uniu 1 representação corretamente	**0,25**	
		Não uniu nenhuma representação	**0**	
3. **3.1.**	**Completa de modo a obter afirmações verdadeiras**	Completa corretamente	**0,75**	**3**
		Não completa	**0**	
3.2.		Completa corretamente	**0,75**	
		Não completa	**0**	
3.3.		Completa corretamente	**0,75**	
		Não completa	**0**	
3.4.		Completa corretamente	**0,75**	
		Não completa	**0**	
4.	**Resolução de um problema**	Resolve corretamente	**2**	**2**
		Não resolve	**0**	
5.	**Resolução de um problema**	Resolve corretamente	**2**	**2**
		Não resolve	**0**	

O Quadro 11 refere-se à grelha do dispositivo de avaliação de Matemática, de forma a apresentar as cotações que foram atribuídas a cada parâmetro de avaliação.

Quadro 11 – Grelha do dispositivo de avaliação de Matemática

	Questões	**1.**	**2.**	**3.**	**4.**	**5.**	**Total**
	Cotações	**1,5**	**1,5**	**3**	**2**	**2**	**10**
N.º							
1	A	1,5	1,5	3	0	0	**6**
2	B	1,5	1,5	3	2	2	**10**
3	C	1,25	1	2,25	2	0	**6,5**
4	D	1,5	1,5	3	2	2	**10**
5	E	1,5	1,5	3	2	2	**10**
6	F	-	-	-	-	-	**-**
7	G	1,5	1	3	0	0	**5,5**
8	H	1,5	1	0	0	2	**4,5**
9	I	1,25	1,5	3	0	2	**7,75**
10	J	1,5	1,5	3	2	2	**10**
11	K	1	1,5	2,25	2	2	**8,75**
12	L	1	1,5	3	0	0	**5,5**
13	M	1,5	1,5	3	2	2	**10**
14	N	1,5	1,5	3	2	2	**10**
15	O	1,5	1	2,25	0	2	**6,75**
16	P	1,5	1,5	3	2	2	**10**
17	Q	1,5	1,5	3	2	0	**8**
18	R	1	1	2,25	0	0	**4,25**
19	S	0,5	1,5	3	2	2	**9**
20	T	1,25	1,5	3	2	2	**9,75**
21	U	1,5	1,5	2,25	2	2	**9,25**
22	V	1,5	1,5	2,25	0	2	**7,25**
23	W	-	-	-	-	-	**-**
24	X	1,5	1,5	3	0	2	**8**
25	Y	0,5	1	0	2	2	**5,5**
26	Z	1,5	1,5	3	2	2	**10**
27	AA	1,5	1,5	3	2	2	**10**
28	AB	-	-	-	-	-	**-**
Média							**8,09**

Ao consultar a grelha de avaliação podemos observar que, dos 25 alunos que realizaram a proposta de trabalho, doze alunos obtiveram Muito Bom, cinco alunos obtiveram Bom, seis alunos obtiveram Suficiente e dois alunos obtiveram Insuficiente.

Assim sendo, a média total das classificações atribuídas aos alunos foi de 8,09 valores que, qualitativamente corresponde a um desempenho de Bom. Após a correção da proposta de trabalho verifiquei que grande parte da turma obteve uma classificação de Muito bom e poucos alunos obtiveram Insuficiente.

Pode concluir-se que esta é uma turma empenhada no que elabora, tentando sempre obter bons resultados, contudo existem alguns alunos com mais dificuldades aos quais se tem de prestar mais atenção.

1.3.4. Dispositivo de Avaliação 4 (5.º Ano – Ciências da Natureza)

O quarto dispositivo de avaliação a ser apresentado será o de Ciências da Natureza e estará em anexo (Anexo 7). Este dispositivo diz respeito à proposta de trabalho de Ciências da Natureza que foi efetuada e avaliada no 5.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico, de modo a aferir os conhecimentos dos alunos na área das Ciências da Natureza, relativamente ao conteúdo estudado, as plantas e a variação dos fatores do meio.

A proposta de trabalho foi aplicada no dia 20 de março de 2012 com uma duração de cerca de 45 minutos, a uma turma com 18 alunos. O Quadro 12 que será apresentado de seguida, é composto pela descrição de parâmetros, de critérios e das cotações atribuídas a cada questão, para a correção do dispositivo de avaliação.

Esta proposta de trabalho pretende avaliar os parâmetros seguintes:

- Registar, no espaço, o número da planta correspondente;
- Indicar o fator do meio;
- Referir uma alteração;
- Assinalar com uma cruz;
- Indicar a época do ano;
- Explicar o que acontece à planta;
- Indicar os órgãos.

Os critérios que foram definidos pretendem avaliar as capacidades dos alunos em relação ao conteúdo apresentado, as plantas e a variação dos fatores do meio.

Quadro 12 – Descrição dos parâmetros e critérios para a correção do dispositivo de avaliação de Ciências da Natureza

	Parâmetros	**Critérios**		**Cotações**
1. **1.1.**	**Registar, no espaço, o número da planta correspondente**	Regista corretamente em todos os espaços	**3**	**3**
		Regista em apenas 5 espaços	**2,5**	
		Regista em apenas 4 espaços	**2**	
		Regista em apenas 3 espaços	**1,5**	
		Regista em apenas 2 espaços	**1**	
		Regista em apenas 1 espaço	**0,5**	
		Não regista	**0**	
1.2.	**Indicar o fator do meio**	Indica o fator	**1**	**1**
		Não indica	**0**	
2.	**Referir uma alteração**	Refere uma alteração	**1**	**1**
		Não refere	**0**	
3. **3.1.**	**Assinalar com uma cruz**	Assinala corretamente	**1**	**1**
		Não assinala	**0**	
4. **4.1.**	**Indicar a época do ano**	Indica corretamente	**1**	**1**
		Não indica	**0**	
4.2.	**Explicar o que acontece à planta**	Explica corretamente	**1**	**1**
		Não explica	**0**	
4.3.	**Indicar os órgãos**	Indica os 2 órgãos	**2**	**2**
		Indica apenas 1 dos órgãos	**1**	
		Não indica nenhum	**0**	

O Quadro 13 refere-se à grelha do dispositivo de avaliação de Ciências da Natureza, de forma a apresentar as cotações que foram atribuídas a cada parâmetro de avaliação.

Quadro 13 – Grelha do dispositivo de avaliação de Ciências da Natureza

	Questões	**1.1.**	**1.2.**	**2**	**3.1.**	**4.1.**	**4.2.**	**4.3.**	**Total**
	Cotações	**3**	**1**	**1**	**1**	**1**	**1**	**2**	**10**
N.º									
1	A	2	1	1	1	1	1	2	9
2	B	2,5	1	0	1	1	0	2	7,5
3	C	1,5	1	1	1	1	1	2	8,5
4	D	0	0	1	1	1	0	1	4
5	E	2	1	1	1	1	1	2	9
6	F	3	0	1	0	1	1	1	7
7	G	1	1	0	1	0	0	1	4
8	H	2,5	0	1	0	1	0	0	4,5
9	I	3	0	1	1	1	1	2	9
10	J	2	1	1	1	1	1	2	9
11	K	0,5	1	0	1	0	0	1	3,5
12	L	1,5	1	1	0	1	1	0	5,5
13	M	0,5	0	0	1	1	1	1	4,5
14	N	1	1	1	1	1	0	1	6
15	O	3	1	1	1	1	1	2	10
16	P	0,5	1	0	1	1	1	1	5,5
17	Q	0	0	1	1	1	0	1	4
18	R	2	1	1	0	1	1	2	8
Média									6,58

Ao consultar a grelha de avaliação podemos observar que, dos 18 alunos que realizaram a proposta de trabalho, cinco alunos obtiveram Muito Bom, quatro alunos obtiveram Bom, três alunos obtiveram Suficiente e seis alunos obtiveram Insuficiente. Assim sendo, a média total das classificações atribuídas aos alunos foi de 6,58 valores que, qualitativamente corresponde a um desempenho de Suficiente.

Com base nestes resultados pode observar-se que a turma necessita de trabalhar bastante, pois só com muito empenho e estudo é que se podem atingir os resultados desejados. Assim é necessário um esforço maior por parte do professor, para conseguir manter os alunos interessados e motivados, pois esta é uma turma que tem muitas dificuldades ao nível dos conceitos básicos e perceções do quotidiano, que já deveriam ter sido adquiridas no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Pode concluir-se que esta é uma turma que possui alunos com mais dificuldades aos quais se tem de prestar mais atenção, neste caso, poderia ter sido feita a correção

com os seis alunos que obtiveram piores resultados, para que os mesmos pudessem perceber as suas dificuldades e melhorar.

Nas orientações curriculares é defendido por vários autores que a criança tem de explorar o mundo que a cerca e tirar dele informações que lhe são necessárias, sendo da responsabilidade do docente, proporcionar-lhe o maior número possível de atividades, materiais e situações de modo a que as suas experiências sejam enriquecedoras, ajudando à construção do seu conhecimento.

A elaboração deste capítulo permitiu-me ter uma maior consciência da importância do mesmo, como das dificuldades que tive em realizar as avaliações. Depois de tantos anos de vida académica, passar de avaliada a avaliadora não foi uma tarefa fácil, no entanto foi bastante enriquecedora. Consciente de que ainda tenho um longo caminho a percorrer, de forma a tornar-me uma profissional responsável, tenho a certeza que, com o treino e com os meus futuros alunos, irei conseguir aferir e avaliar melhor todos os seus desempenhos.

2. Proposta de Projeto – "Vem jogar futebol com o Bicas"

2.1. Descrição do capítulo e Fundamentação Teórica

Este capítulo destina-se à apresentação de um trabalho projeto, pensado e desenvolvido para ser realizado com crianças dos 3.º, 4.º, 5.º e 6.º anos de escolaridade, do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico.

O presente projeto pode ser realizado com crianças destas idades (entre os 8 e 12 anos de idade), tendo início na escola e envolvendo um clube desportivo e toda a comunidade envolvente, sendo possível, posteriormente, alargar o projeto a outras escolas e outras entidades desportivas.

Tem como base de estudo a prática de desporto federada para que as crianças possam levar uma vida mais saudável, nomeadamente a prática de futebol, sendo este um desporto praticado em equipa, no qual, segundo Rêgo (2017) "o grupo é determinante para manter a adesão à modalidade e também para prevenir comportamentos de risco" (p. 3).

De acordo com Katz e Chard, (1997, 2009), citados em Vasconcelos (2011),

> independentemente dos modelos curriculares adoptados pelos jardins de infância ou pelas escolas do 1º ciclo, acreditamos que uma metodologia comum de trabalho de projecto em sala de actividades, poderá antecipar, desenvolver e estimular os processos de aprendizagem e de co-construção do conhecimento (p. 8).

Através do desenvolvimento de trabalhos por projeto é fomentada a interdisciplinaridade tão importante para o desenvolvimento global da criança.

Este projeto vai contemplar esta dimensão pelo que, será trabalhado nas várias Áreas Curriculares. A título de exemplo no Português (leituras sobre histórias de vida sobre os jogadores e do clube, entrevistas, leitura de jornais desportivos, …); na Matemática (caderneta de cromos, e organização de dados em gráficos e tabelas, …); na Expressão Plástica (construção de cartazes e folhetos); na Educação Física (jogos inter turmas da escola).

A razão desta escolha prende-se também com a minha atual atividade profissional, uma vez que trabalho no Grupo Desportivo Estoril Praia com crianças destas faixas etárias.

2.2. Desenvolvimento do Projeto

1.ª Fase – Definição do Problema

- **Problema:** De que forma a prática de uma modalidade desportiva federada como o futebol pode potenciar uma vida mais saudável a crianças dos 3.º, 4.º, 5.º e 6.º anos de escolaridade do Ensino Básico?

"Os desportos saudáveis são essenciais para a nossa saúde e bem-estar, constituindo um dos pilares para um estilo de vida saudável, a par da alimentação saudável", conforme nos indica a Direção Geral da Saúde (2007, p. 1). Assim, o desporto assume um papel relevante quando nos referimos às crianças e jovens, pois está diretamente relacionado com um desenvolvimento equilibrado, bem como contribui fortemente para a aquisição de um estilo de vida mais saudável.

Segundo a Direção Geral da Educação (s.d., p. 1) "em contexto escolar, educar para a saúde consiste em promover nas crianças e jovens conhecimentos, valores e atitudes que os ajudem a tomar decisões adequadas à saúde e ao seu bem-estar físico, social e mental".

A atividade física e desportiva é importante para o desenvolvimento físico, psicológico e social das crianças.

É neste sentido que a escola assume um papel fundamental na promoção da saúde tornando-se num fator potenciador de um estilo de vida saudável, entendendo este estilo de vida, conforme diz Piéron (1998), como "o conjunto dos comportamentos e hábitos que podem afectar a saúde do indivíduo ((…), alimentação, actividade física habitual)" (p. 43).

É assim necessário unir esforços na promoção do exercício físico e desporto nos jovens. Conforme indica Laranjeira (2014) "os estudos científicos já demostraram que nas crianças mais fisicamente ativas se verifica uma maior performance académica" (p. 1). Também a Direção Geral da Saúde (2007) indica que "os jogos de equipa, promovem de forma positiva a integração social e facilita o desenvolvimento das capacidades sociais dos adolescentes" (p. 5).

As escolas têm a oportunidade de providenciar exercício físico adequado, através da Educação Física, como através de programas desportivos escolares e iniciativas desportivas, após o horário escolar, como é o caso da prática de futebol federada.

Conforme indica o Programa de Expressões Artísticas e Físico-Motoras do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Ministério da Educação (s.d.) os alunos devem

> participar em jogos ajustando a iniciativa própria, e as qualidades motoras na prestação, às possibilidades oferecidas pela situação de jogo e ao seu objectivo, realizando habilidades básicas e acções técnico-tácticas fundamentais, como oportunidade e correcção de movimentos. (p. 50)

No que se refere ao 2.º ciclo, e segundo o Programa de Educação Física do Ministério da Educação (M.E., 1998), um dos objetivos é "cooperar com os companheiros para o alcance do objectivo dos jogos desportivos colectivos, desempenhando com oportunidade e correcção as acções solicitadas pelas situações de jogo, aplicando a ética do jogo e as suas regras" (p. 242)

A atividade física e o desporto não são a mesma coisa, pois a primeira começa desde que a criança está na barriga da mãe, já o desporto, como esclarece Rêgo (2017) "implica um conjunto de movimentos estruturados e repetidos visando a melhoria da aptidão física e da prestação desportiva" (p. 2), sendo que o desporto, enquanto atividade organizada também está indicado desde cedo. Segundo a mesma autora, a atividade desportiva deve ter características lúdicas e estar associada ao prazer, pois só assim se conseguirá a adesão da criança à prática da mesma.

Rêgo (2017) indica que,

> a prática de desporto está associada a um aumento do bem-estar físico, psíquico, social e neuro-cognitivo. A necessidade de respeitar regras e de partilhar responsabilidades, bem como a disciplina individual e colectiva que a prática de uma modalidade desportiva incute, são promotoras de autoconfiança (p. 3).

Assim, a atividade física e o desporto devem fazer parte integrante de um estilo de vida saudável, devendo ser desde sempre, promovida e incentivada por pais, professores e sociedade.

Conforme Cardoso (2001) defende,

> na sociedade actual, as actividades físicas e desportivas têm representações muito fortes e positivas. O Desporto é a palavra mágica que aproxima povos e culturas, quer o envolvimento se faça como participantes, (…) ou como simples espectadores. Na escola e na comunidade educativa em geral, estes pressupostos também são verdadeiros. (p. 196)

Assim, a prática desportiva deve fazer parte de um estilo de vida saudável, pelo que deve ser incentivada, desde que a criança consiga entender bem as regras e objetivos estipulados.

A opinião de diversos autores é unânime em relação à prática de atividades desportivas pois estas exercem uma influência favorável sobre o organismo em crescimento e impedem certas degradações do estado de saúde.

Segundo Oom (2012) "a prática de desporto pode, desta forma, potenciar o desempenho atingido pela criança em outras disciplinas do seu currículo escolar e contribuir de forma decisiva para a sua sensação de saúde e bem-estar" (p. 215).

O desporto representa um dos aspetos mais importantes na educação de uma criança como tal, os pais devem perceber as vantagens de educar as crianças para a prática desportiva. Pois como afirma Oom (2012) "(…) a actividade física traz benefícios directos e indirectos, (…) promovendo a saúde e estilos de vida saudáveis" (p. 217).

Desta forma, o Futebol é um dos desportos mais praticados por crianças e jovens, sendo este um desporto que se pratica essencialmente com os pés e em equipa. Tal como muitas outras práticas desportivas, é nos clubes que mais frequentemente as crianças se entregam à prática do seu desporto favorito.

Em todas as escolas podem ser criados Clubes de Desporto Escolar, nos quais os alunos interessados podem participar em atividades desportivas externas. São imensas as modalidades que podem ser desenvolvidas em cada escola, dependendo do contexto e da região em que se inserem. Conforme afirma Oom (2012) "os responsáveis pelo

Clube de Desporto Escolar podem ainda preparar a candidatura ao Programa de Desporto Escolar do Ministério da Educação e desta forma participar em campeonatos e em competições a nível regional e nacional, bem como entrar em competições federadas (…)" (p. 221).

Como se pode calcular é do interesse de uma organização deste tipo formar novos valores nesta área que ocupa um lugar de destaque no Grupo Desportivo Estoril Praia.

- **Objetivos**

✓ Objetivos gerais:

- Promover a prática desportiva federada e a prática do futebol;
- Contribuir para o bem-estar físico, psicológico e social da criança e habituá-la, desde pequena, a preocupar-se com um estilo de vida saudável;
- Melhorar a condição física das crianças;
- Facilitar a integração e o trabalho em equipa;
- Melhorar o rendimento escolar, ao favorecer o desenvolvimento de capacidades como a concentração;
- Aprender a respeitar regras e a saber ganhar e perder, contribuindo para a formação de valores.

✓ Objetivos específicos:

- Aprender o desporto coletivo em geral e a partir de formas jogadas (como passes, receções de bola, etc…);
- Promover a descoberta do futebol a partir de jogos adaptados à prática da modalidade;
- Melhorar o sentido de jogo coletivo e a habilidade no controlo da bola;
- Aprender a melhorar as técnicas e táticas;
- Procurar desenvolver os pontos fortes e dar valor aos aspetos que necessitam de desenvolvimento ou aperfeiçoamento;
- Incutir valores no âmbito do jogo, como lutar pela vitória sem fazer batota;
- Desenvolver a estrutura física da criança, aumentando a sua massa muscular, a resistência dos ossos e a elasticidade das articulações, essenciais a uma boa condição física;

- Promover a prática de uma modalidade independentemente do género de cada criança.

2.ª Fase – Planificação e Desenvolvimento do trabalho

- **Destinatários:** Este projeto tem como destinatárias as crianças da Escola Básica Fernando José dos Santos, no Estoril, dos anos de escolaridade atrás referidos. A escolha da escola prende-se com fatores logísticos dada a sua proximidade com as instalações do Grupo Desportivo Estoril Praia.

- **Intervenientes:** Professores do 1.º e 2.º Ciclos, Diretor da Escola, Encarregados de Educação das crianças, treinadores e monitores do Grupo Desportivo Estoril Praia.

- **Entidades Envolvidas:**

- Escola (Escola Básica Fernando dos Santos, Estoril);
- Grupo Desportivo Estoril Praia;
- Junta de Freguesia do Estoril;
- Câmara Municipal de Cascais (C.M.C.).

- **Recursos:**

✓ Humanos: Intervenientes do projeto (Professores, Encarregados de Educação, Crianças, Diretores, Treinadores e monitores do clube).

✓ Físicos e materiais: Autocarro para transporte das crianças da CMC; Recursos tecnológicos para registar treinos e jogos; Instalações do clube para a prática desportiva; Local na escola para apresentação inicial e final do projeto; equipamento desportivo; bolas entre outros.

- **Calendarização:** O projeto acompanha o ano letivo pelo que deverá ter início em setembro e terminará em junho. Entre o final de setembro e outubro serão recolhidas as inscrições das crianças que irão participar.

3.ª Fase – Execução

- **Motivação e Negociação (estratégias):**

Na sequência da sensibilização feita na escola ou escolas, onde o projeto será aplicado, é importante entrar em contacto com a instituição/todas as instituições da localidade para que juntos se possa desenvolver todo um trabalho direcionado à comunidade.

Desta forma as crianças vão tomar contacto com as instalações e equipamentos onde irão desenvolver a prática do futebol (campos, balneários, equipamentos, cachecóis, bandeiras, bonés e galhardetes do clube, entre outros).

Também será importante que todos os intervenientes neste projeto fiquem a conhecer um pouco mais sobre a história e fundação do clube, os seus dirigentes e os jogadores da equipa principal de futebol. Uma vez que o clube tem uma equipa feminina de futebol e a partir da mesma poderá ser dinamizada a prática deste desporto também por raparigas, uma vez que esta modalidade é essencialmente praticada por crianças do género masculino.

A sensibilização terá início na escola envolvendo professores, crianças e encarregados de educação. Será apresentado o projeto no início do ano letivo, os objetivos principais do mesmo e de que forma será operacionalizado.

Para a apresentação do projeto será apresentado um pequeno vídeo onde será mostrada a história e a importância do Clube. Também serão apresentados os outros parceiros que irão, para além da escola e do clube, apoiar este projeto, a Junta de Freguesia do Estoril e a Câmara Municipal de Cascais.

De acordo com o site da CMC,

> a política desportiva da Câmara Municipal de Cascais vai ao encontro da promoção do desenvolvimento sustentado da prática da atividade física e desportiva tendo como finalidade de ter mais e melhores praticantes, atuando ao nível das infraestruturas desportivas, em parceria com as estruturas associativas e outras entidades desportivas.

No dia da apresentação do projeto na escola estará presente a mascote do clube, como se pode ver na figura 5, para desta forma interagir com as crianças e motivá-las para a inscrição neste projeto.

Figura 5 – *Mascote do Estoril Praia – o Bicas*

As crianças vão tomar contacto com as instalações e equipamentos onde irão desenvolver a prática do futebol (campos, balneários, equipamentos, cachecóis, bandeiras, bonés e galhardetes do clube, entre outros).

No dia desta visita estarão à espera das crianças, os dirigentes, os jogadores da equipa principal de futebol, entre outros, bem como a mascote do clube "O Bicas".

4.ª Fase – Avaliação/ Divulgação

Para monitorizar e acompanhar o desenrolar deste projeto será aplicado um inquérito por questionário a todas as crianças, bem como serão entrevistados professores, treinadores e monitores. Os dados recolhidos através da aplicação destes instrumentos, serão analisados para se poder através dos resultados obtidos melhorar a introdução e aplicação de um novo projeto, no início do próximo ano letivo.

No final do ano letivo será apresentado na escola um balanço sobre a forma como decorreu o projeto, através dos testemunhos orais e em registos fotográficos e de vídeo, dos melhores momentos que as crianças vivenciaram.

- **Produtos finais:**

- Palestras sobre Desporto em geral e futebol em particular;
- Publicações de folhetos desportivos do clube, com calendários de jogos e resultados desportivos, para toda a comunidade escolar;
- Registos em vídeo dos jogos;
- Elaboração de uma página na internet com a informação do projeto e dos resultados desportivos alcançados pelas crianças;

- Exposição fotográfica na escola para mostrar à comunidade educativa os resultados alcançados pelas equipas de futebol e outros momentos que as crianças puderam vivenciar;
- Testemunho em primeira mão por parte das crianças/encarregados de educação que participaram no projeto.

➢ **Avaliação:**

- **Para a Avaliação do Processo:** Serão verificados os benefícios que o projeto trouxe à vida da criança e à comunidade escolar, através de diálogo com as mesmas e de inquéritos de satisfação por parte das crianças e dos pais.
- **Para Avaliação do produto final:** Será verificado o sucesso do projeto, através dos registos fotográficos e vídeos; Será também verificada a adesão que houve por parte dos alunos e comunidade escolar, os benefícios da implementação deste mesmo projeto e, por fim, será feita uma divulgação do projeto, através de uma página na internet e de um jornal para a comunidade escolar.

2.3. Considerações Finais do Projeto

O trabalho apresentado teve como objetivo aprender a elaborar um projeto que pudesse ser implementado numa escola. O meu tema principal de estudo foi a prática desportiva no âmbito de se perceber se ajudava as crianças a ter uma vida mais saudável.

Foi necessária uma investigação aprofundada sobre o tema, uma vez que relaciona a promoção da saúde, a vida escolar e as práticas de atividades e desporto. Também houve a necessidade de aprofundar o conhecimento na elaboração de trabalhos de projeto deste género. "Um projeto pode começar de diversas formas. Alguns começam quando uma ou mais crianças de um grupo mostram interesse por alguma coisa que lhes despertou a curiosidade" (Katz & Chard, 2009, p. 102, citados em Vasconcelos, 2011).

Neste projeto, se todas as fases forem concretizadas com sucesso, ficará demonstrado que os alunos se envolveram com gosto na ação do mesmo.

No meu dia a dia e enquanto colaboradora do Grupo Desportivo Estoril Praia, tenho sentido uma grande adesão e satisfação com a prática desta modalidade por parte das crianças e das suas famílias.

Considerações Finais

A realização deste estágio profissional foi de grande importância, pois desde o 1.º Ano de Licenciatura até ao último dia do Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico pude tomar contacto com diversas realidades e vivências das crianças em contexto escolar e pude observar as mais diversas realidades nos Jardins-Escolas João de Deus onde estagiei.

No currículo do Mestrado, a unidade curricular denominada Estágio Profissional I e II foi, sem dúvida, um dos momentos mais aguardados e valorizados ao longo do mesmo, pois permitiu-me uma constante aprendizagem e crescimento profissional. Formosinho (2001, p. 50) caracteriza a Prática Pedagógica como "a componente curricular da formação de professores cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática docente e desenvolver competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável". Deste modo, a Prática Pedagógica torna-se uma das componentes fulcrais no processo de formação de professores e deve ser encarada como um fator de aprendizagem e de crescimento do próprio sujeito.

Ao longo destes cinco anos fui aprendendo muito, apesar de em alguns momentos surgirem mais dificuldades, tudo se conseguiu com vontade e esforço, pois não há nada melhor do que lutar pelos nossos objetivos e realizar as nossas próprias conquistas. Foram anos de cumplicidade com grandes amizades e um longo percurso de aprendizagem, ao longo de toda a Prática Pedagógica, pois adquiri muitas competências e conhecimento teórico-prático indispensável para um futuro professor. Neste sentido, Formosinho (2001) salienta que:

> na formação de professores esta transmissão da base de legitimidade profissional ocorre, de forma indireta ou direta, ao longo de todo o curso, permitindo ao aluno confrontar a prática docente experienciada nas disciplinas com a prática docente que, de forma implícita ou explícita, os diferentes professores formadores sugerem. (pp. 47-48)

O estágio orienta, assim, o futuro docente para a prática profissional que virá a desempenhar, sendo também acompanhado por equipas de supervisão, ajudando na orientação do futuro docente. Nesta linha de pensamento, Alarcão e Roldão (2008, p. 54) afirmam que a supervisão deve ser entendida como "atividade de apoio, orientação e regulação." A Prática Pedagógica torna os alunos mais conscientes e responsáveis, fazendo-nos refletir sobre a forma como agimos, como pensamos, como nos relacionamos e a pensar novas estratégias e metodologias a aplicar para melhorar aquilo

que correu menos bem. Para terminar, em jeito de conclusão, o Estágio Profissional e a elaboração deste relatório tornaram-me mais responsável, fez-me refletir de forma crítica e fundamentada e, deu-me um olhar mais cuidado para a realidade, fazendo com que crescesse bastante como pessoa e, sobretudo, como futura profissional.

No decorrer da elaboração deste relatório de estágio surgiram-me algumas limitações, nomeadamente a dificuldade em encontrar determinados livros para a bibliografia, uma vez que vários alunos da ESE pretendiam adquirir os livros dos mesmos autores. Também não foi fácil adquirir alguns livros nas bibliotecas locais, uma vez que, muitos dos livros não existiam nessas mesmas bibliotecas.

Para além desta limitação, apesar do mestrado ser realizado em dois anos, não foi fácil gerir o tempo que era necessário para a realização deste relatório, uma vez que o tempo era escasso e tinha de ser repartido entre aulas na ESE, trabalhos para apresentar, estágio no Jardim-Escola e, também, o meu trabalho em *part-time* aos fins-de-semana, para poder pagar as propinas do mestrado.

Houve alturas em que foi complicado gerir tudo isto, mas, com esforço, dedicação e devoção, tudo foi possível realizar para chegar até aqui, valendo a pena todo o empenho depositado neste trabalho. Todos estes pontos menos positivos foram ultrapassados pelo enriquecimento que o estágio me trouxe, pois tive a possibilidade de me debruçar e refletir sobre o que correu menos bem nas aulas que lecionei ao longo do mestrado. Segundo Guimarães e Lopes (2007, p. 368) "o estágio é também imprescindível para a construção da identidade profissional do docente, porque permite a integração entre conhecimentos teóricos e procedimentos e a necessária aproximação às situações em que decorre o exercício profissional".

Estou consciente de que o estágio acabou por me proporcionar um maior conhecimento prático das situações que podem, eventualmente, ocorrer ao longo da minha vida profissional, como futura docente, incentivando-me a uma maior reflexão sobre essas circunstâncias.

Ao longo de toda a minha formação académica (licenciatura e mestrado), apercebi-me que um professor tem de estar apto a aprender coisas novas e, permanentemente informado e atualizado de modo a obter novos conhecimentos e estratégias que melhor se adaptem à sua realidade educativa. Assim sendo, tenho a certeza que é muito importante nunca deixar de ser uma profissional que quer sempre aprender mais.

Simão, Caetano e Flores (2005) afirmam que:

> é relevante que o processo formativo se comprometa com a prática e reflita sobre ela, equacionando mudanças, concretizando-as e confrontando-as quer com a teoria, quer com a prática, pois essa é a via que permite a integração de estratégias diferenciadas ao mesmo tempo possibilitando que as mudanças se mantenham e generalizem, porque são compreendidas e ensaiadas. (p. 178)

É fundamental que, na minha integração na vida ativa, eu seja capaz de fazer mais, de inovar, de produzir novas ideias e estratégias. Pois, ser inovador e estar preparado para a mudança leva-nos a perceber e a reconhecer que a criatividade tem um papel muito importante na sociedade atual e que, não devemos limitar-nos a fazer o que os outros já fizeram.

Com isto, espero tornar-me numa profissional crítica, criativa e aberta, através de sucessivos projetos em que me envolva, criando contextos que tenham valor educativo.

Referências Bibliográficas

- Abrantes, P., Serrazina, L. & Oliveira, I. (1999). *A Matemática na Educação Básica. Reflexão Participada sobre os Currículos do Ensino Básico.* Lisboa: Ministério da Educação, Dep. de Educação Básica
- Aharoni, R. (2008). *Aritmética para pais*. Lisboa: SPM. Gradiva. Temas da Matemática.
- Alarcão, I. & Roldão, M.ª do C. (2008). *Supervisão. Um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Ramada: Edições Pedagogo.
- Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão da Prática Pedagógica. Uma perspetiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Almedina.
- Alegria, M. F., Loureiro, M., Marques, M. A. F., Martinho, A. (2001). *A Prática Pedagógica na formação inicial dos Professores*. Lisboa: Areal Editores.
- Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de Competências Matemáticas com Recursos Lúdico-manipulativos.* Porto: Porto Editora. (p.34).
- Arends, R. I. (1999). *Aprender a Ensinar*. Lisboa. McGraw Hill.
- Bento, J. O. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bezerra, M. J. (1962). *O Material Didático no Ensino da Matemática*. Diretoria do Ensino Secundário/Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário/MEC. Rio de Janeiro.
- Bogdan, R. & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Braga, F. (coord.) (2004). *Planificação: Novos papéis, novos modelos: Dos projetos de planificação à planificação em projeto.* Porto: Edições ASA.
- Braga, F., Floripes, M., Vilas-Boas, F. M., Alves, M. E. M., Freitas, M. J. de, & Leite, C. (2004). *Planificações: novos papéis, novos modelos*. Porto. Edições ASA.

- Cachapuz, A., Praia, J. & Jorge, M. (2002). *Ciência, Educação em Ciência e Ensino das Ciências.* Lisboa: ME. Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude, n.º 6, Lisboa. (pp. 22 – 24).

- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a Matemática de uma Forma Lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

- Cardoso, C. (2001). *Gestão intercultural do currículo – 2.º Ciclo*. Lisboa: Secretariado Entrecultural. Coleção Educação Intercultural.

- Carneiro, R. (2000). *Educar Hoje – Ajudar a Aprender*. Lisboa: Lexicultural.

- Carvalho, G. & Freitas, M. (2010). *Metodologia do Estudo do Meio*. Luanda, Angola: Plural Editores.

- Cordeiro, M. (2007). *O Livro da Criança: do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

- Costa, M. (2006). *Desafios da Educação Inclusiva um estudo sobre representações e expectativas dos professores do ensino regular face aos professores de apoio educativo*. Dissertação de Mestrado, Inédita. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

- Delors, J. (1996). *Educação – Um Tesouro a Descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Porto: Asa Editores.

- Dohme, V. (2008). *O valor educacional dos jogos: jogos e dicas para empresas e instituições de educação*. Petrópolis, Brasil: Editora Vozes.

- Flores, M. A. & Simão, A. M. V. (2009). *Aprendizagem e Desenvolvimento Profissional de Professores: Contextos e Perspetivas.* Mangualde: Edições Pedagogo.

- Formosinho, J. (2001). *A formação prática de professores – Da prática docente na instituição de formação à prática pedagógica nas escolas*. Em Campos, P. B. (Ed.), Formação Profissional de Professores no Ensino Superior. Porto: Porto Editora.

- Giugni, G. (1986). *La qualificazione di un atleta professionista*. Torino, Itália.

- Harlen, W. (2006). *Guide to Primary Science Education*. Hatfield: ASE.
- Hohmann, M. & Weikart, D. P. (1997). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jorge, M. M. (1991). *Educação em Ciência: perspectivas actuais*. In Oliveira, M. T. M. (coord.). *Didáctica da biologia*. Lisboa: Universidade Aberta; (pp. 29-41).
- Katz, L. & Chard, S. (2009). *A Abordagem de Projecto na Educação de Infância.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Leite, C. & Fernandes, P. (2002). *Avaliação das Aprendizagens dos Alunos. Novos contextos, novas práticas.* Porto: Edições ASA.
- Magalhães, V. F. (2008). *«A Promoção da Leitura Literária na Infância: Um Mundo de Verdura a não Perder».* In Otília Sousa & Adriana Cardoso (ed.). *Desenvolver Competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais; (pp. 55-73).
- Martins, I. P., Veiga, M. L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R. M., Rodrigues, A. V. & Couceiro, F. (2007). *Educação em Ciências e Ensino Experimental: formação de professores.* 2.ª Edição. Ministério da Educação: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimentos Curricular.
- Meirieu, P. (1998). *Os Trabalhos de Casa*. Lisboa: Editorial Presença.
- Ministério da Educação (2008). *Educação Especial – Manual de apoio à prática.* Lisboa: Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Ministério da Educação (2007a). *Programas do 2.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2007b). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas: Ensino Básico – 1.º Ciclo* (4.ª edição). Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.

- Ministério da Educação (2002a). *Reorganização Curricular do Ensino – Novas Áreas Curriculares*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2002b). *Estratégias para a Ação – as TIC na Educação.* Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (1991a). *Organização Curricular e Programas*. Volume 1. Ensino Básico 2.º Ciclo. Mem Martins, Portugal: Departamento de Educação Básica.
- Moreira, D. & Oliveira, I. (2004). *O Jogo e a Matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Moreira, D., Ponte, J. P., Pires, M. V. & Teixeira, P. (2006). *Manuais escolares: Um ponto de situação*. Texto de apoio ao grupo de discussão – Manuais Escolares, XV EIEM.
- Motta, L., Viana, A. M.ª dos & Isaías, E. (2010). *Bioterra: Ciências da Natureza, 6.º Ano* (1.ª Edição). Porto: Porto Editora.
- Nabais, J. (1986). *O calculador Multibásico*. Lisboa. Centro de Psicologia Aplicada à Educação.
- Oom, P. (2012). *O Plano de Saúde das crianças – Guia Médico para pais e professores*. Lisboa: Oficina do Livro – Soc. Editorial, Lda.
- Pato, M. H. (1995). *Trabalho de Grupo no Ensino Básico, Guia Prático para Professores* (2.ª Edição). Lisboa: Texto Editora.
- Pérez, M. R. & López, E. D. (1994) *Currículum e Programación – Diseños Curriculares de Aula*. Madrid. Editorial Eos.
- Perrenoud, P. (1993). *Práticas Pedagógicas na Profissão Docente e Formação – Perspectivas Sociológicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Peterson, P. D. (2003). *O Professor do Ensino Básico*. Lisboa. Instituto Piaget.
- Piéron, M. (1998). *A Actividade Física e Saúde. Um Desafio para os Profissionais de Educação Física*. In Rocha, L. & Barata, J. (Eds.). *A Educação para a Saúde*. Lisboa: Omni Serviços. (pp. 41-80).

- Ponte, J. P. & Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da Matemática do 1.º Ciclo*. 1.ª Edição. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L. C. (1989). *Planificação e Avaliação do Ensino-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rosa, A. R., Neves, L. & Vaz, N. (2011). *Matemática Seis*. 6.º ano do Ensino Básico. Livro do Professor. Lisboa: Lisboa Editora.
- Sá, J. (2002). *Renovar as Práticas no 1.º Ciclo pela Via das Ciências da Natureza.* Porto: Porto Editora.
- Sá, L. L. Z. R. (2001). *Pedagogia Diferenciada – Uma Forma de Aprender a Aprender.* Porto: ASA Editores.
- Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Santos, M. E. V. E. (1998). *Mudança conceptual na sala de aula: um desafio pedagógico epistemologicamente fundamentado*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Serrazina, M. L. (1991). *Aprendizagem da Matemática: a importância da utilização de Materiais,* Noesis 21, 37-39.
- Silveira-Botelho, A. T. (2009). *As Tecnologias de Informação e Comunicação na Formação Inicial de Professores em Portugal: uma Prática Educativa na Escola Superior de Educação João de Deus*. Dissertação de Doutoramento da Universidade de Málaga: Facultad de Ciências de la Education.
- Simão, A. M. V., Caetano, A. P. & Flores, M. A. (2005). *Contextos e Processos de Mudança dos Professores: uma Proposta de Modelo*. Educação e Sociedade.
- Vasconcelos, T. (Coord.). (2011). *Trabalho por projectos na Educação de Infância: Mapear aprendizagens, integrar metodologias*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
- Vieira, C. (2000). *O Pensamento Crítico na Educação Científica*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Vilar, A. M. (1998). *O professor Planificador*. Porto: Edições Asa.

- Viseu, F. (2009). *A Formação do Professor de Matemática apoiada por um dispositivo de interação virtual no estágio pedagógico*. Universidade do Minho: Centro de Investigação em Educação.
- Zabalza, M. A. (2001). *Os pontos de vista didácticos in COLL, C. et al. – O Construtivismo na Sala de Aula*. Porto. Edições ASA, pp. 8-27.
- Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Porto. Edições ASA.
- Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed.

Legislação:

- Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho. Recuperado em 2017, junho 17, de http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Legislacao/dl_139_2012.pdf.

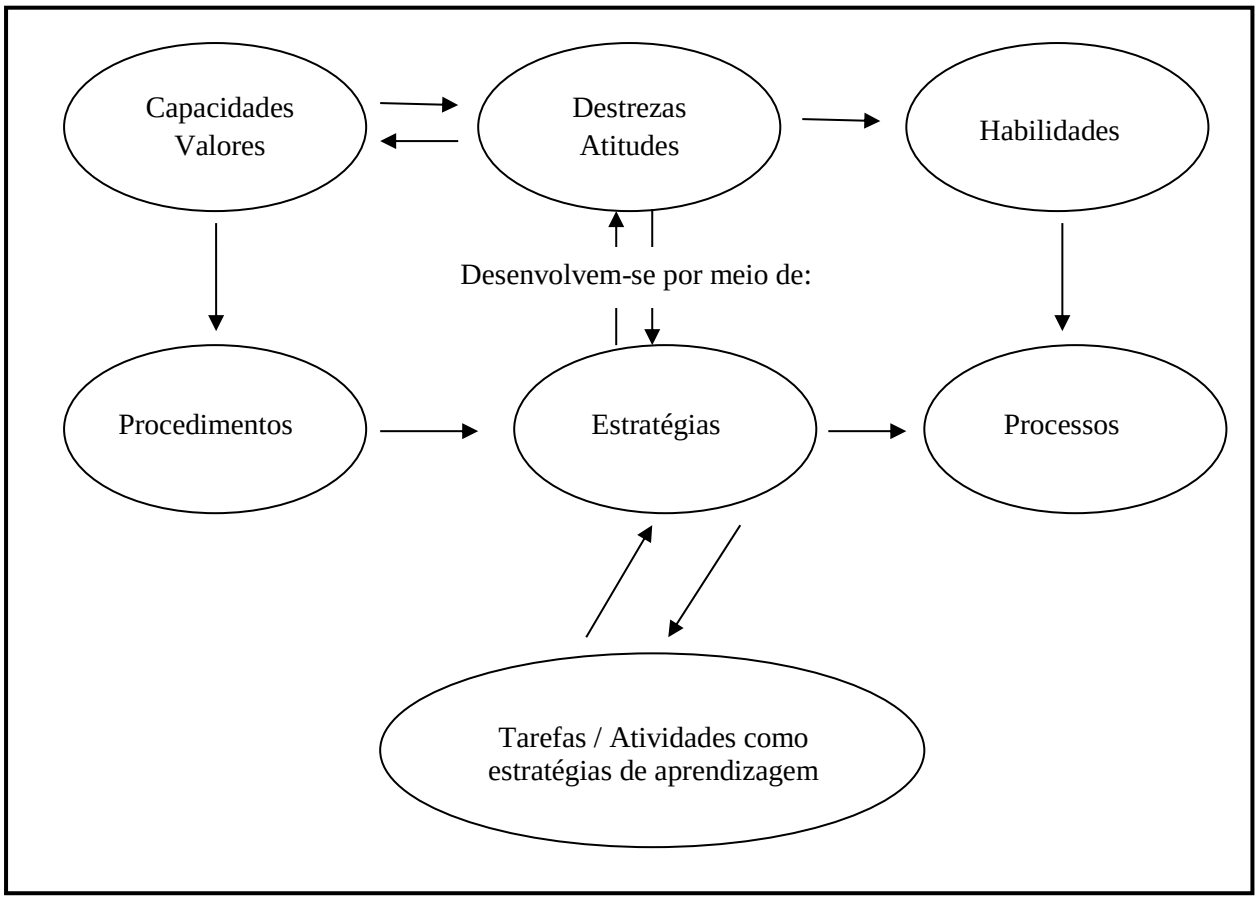
Webgrafia:

- Câmara Municipal de Cascais. Recuperado em 2018, março, de https://www.cascais.pt/.
- Direção Geral da Educação (s.d.). Educação para a Saúde. Recuperado em 2018, março, de http://www.dge.mec.pt/educacao-para-saude.
- Direção Geral da Saúde (2007). *A actividade física e o desporto: um meio para melhorar a saúde e o bem-estar*. Recuperado em 2018, março 23, de https://www.dgs.pt/documentos-e-publicacoes/a-actividade-fisica-e-o-desporto-um-meio-para-melhorar-a-saude-e-o-bem-estar.aspx.
- Guimarães, C. M. & Lopes, C. C. G. (2007). As Práticas Educativas-Formativas na Formação Inicial do Profissional da Educação Infantil. Recuperado em 2012, agosto 27, de http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-451-04.pdf.
- Laranjeira, C. (2014). Como incentivar a actividade física na escola. Recuperado em 2018, março 23, de https://rotasaude.lusiadas.pt/incentivar-atividade-fisica-na-escola/.

- Ministério da Educação (s.d.). Programa de Expressões Artísticas e Físico-Motoras do Ensino Básico – 1.º Ciclo. Recuperado em 2018, março, de http://www.dge.mec.pt/expressoes-artisticas-e-fisico-motoras.
- Ministério da Educação (1998). Programa de Educação Física – Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem. 2.º Ciclo do Ensino Básico. Recuperado em 2018, março, de http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_ef_programa_2c_i.pdf.
- Rêgo, C. (2017). *A Importância Da Atividade Física E Desporto Na Infância*: Recuperado em 2018, março 23, de http://www.inspiresaude.pt/happy/familia/a-importancia-da-atividade-fisica-e-desporto-na-infancia/.

Anexos

Anexo 1 – *Programação por Capacidades e Valores (Róman e Diez, 1994b, 22 citado em Pérez, 2003).*



Anexo 2 - Quadro das *Capacidades e Destrezas*

Capacidades / Destrezas	
Expressão Escrita - Ortografia - Regras Ortográficas - Caligrafia - Elaboração de textos - Redação correta **Expressão Oral** - Leitura compreensiva - Fluidez mental - Agilidade de expressão - Diálogo - Vocalização - Entoação - Uso da voz **Compreender** - Analisar - Interpretar - Comparar - Simbolizar - Conhecer - Relacionar - Avaliar - Sistematizar - Classificar - Identificar **Orientação Espacial** - Situar - Ordenar - Interpretar - Localizar - Referenciar - Representar	**Relacionar** - Conhecer - Associar - Distinguir - Memorizar **Observação** - Analisar - Identificar - Descobrir - Concluir - Investigar - Procurar - Aferir **Participar** - Iniciativa - Saber escutar - Improvisação - Trabalho em grupo - Interesse - Curiosidade **Experimentar** - Manipular - Observar - Concluir - Indagar **Raciocínio Lógico** - Classificar - Resolver problemas - Diferenciar - Representar oralmente - Precisão concetual - Sistematizar dados - Avaliar informação

Anexo 3 - Quadro dos *Valores e Atitudes*

Valores / Atitudes	
Convivência - Participação - Colaboração - Humildade - Entreajuda - Partilha **Solidariedade** - Cuidado - Apreço - Aceitação - Ajuda - Respeito - Altruísmo - Compromisso - Apoio - Tolerância - Partilha **Criatividade** - Criar - Explorar - Ser original - Imaginação - Ser curioso - Iniciativa - Interpretar - Representar - Inventar	**Responsabilidade** - Atenção - Autonomia - Cooperação - Esforço **Tolerância** - Flexibilidade - Consideração - Valorização - Apoio mútuo - Saber escutar - Ceder **Rigor** - Precisão - Interesse - Curiosidade - Expressão clara **Respeito** - Atender - Tolerar - Aceitar - Conviver - Seriedade - Escutar - Pôr-se no lugar do outro

Anexo 4 - Dispositivo de avaliação de Português

Jardim-Escola João de Deus

Ficha Formativa

Nome: _____ Data**:** _____

Português

Exercícios Gramaticais

1- Classifica as frases quanto ao tipo e à forma.

a) A tia Júlia nunca afagou a cara do Manuel.

_____

_____

b) A tia Júlia afagou a cara do Manuel?

_____

_____

2- Classifica morfologicamente as palavras destacadas na frase.

Os olhos do **meu** amigo **Manuel** encheram-se de **lágrimas**.

Os - _____

_____

meu - _____

_____

Manuel - _____

_____

lágrimas - _____

_____

3- Indica o grau em que está o adjetivo nestas frases.

a) O pai da Luísa era **menos rico do que** o patrão.

_____

b) O pai da Luísa era **tão rico como** o seu colega.

_____

4- Classifica sintaticamente a frase:

"Carinhosamente, a tia Júlia afagou a cara do Manuel."

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Bom Trabalho!

Anexo 5 - Dispositivo de avaliação de Matemática

Jardim-Escola João de Deus

Nome: _____ **Data:** _____

Ficha Formativa de Matemática

1- Em relação à propriedade distributiva da multiplicação em relação à adição, completa os seguintes cálculos.

a) 8 × (2 + 3) = _____ × 2 + _____ × 3 = _____ + _____ = _____

b) 3 × (60 + 20) = 3 × _____ + _____ × 20 = _____ + _____ = _____

2- Calcula, utilizando a propriedade distributiva da multiplicação em relação à adição.

a) 3 × (4 + 3 + 2) =

b) (5 + 25) × 2 =

3- Utilizando a propriedade distributiva da multiplicação em relação à adição, escreve uma expressão equivalente à seguinte.

a) 4 × 3 + 4 × 2 =

b) 100 × (50 + 2) =

Bom trabalho!

Aluna Estagiária do Mestrado de 1.º e 2.º ciclos: Patrícia Teixeira

Anexo 6 - Dispositivo de avaliação de Matemática

Escola Pública de Lisboa

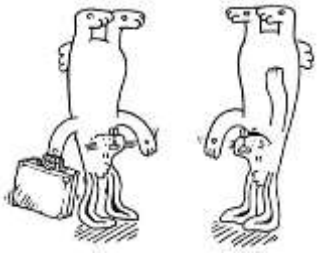
Nome: _____

N.º____Ano:____Turma:_____Data:_____

Ficha Formativa

Matemática

1- Indica o inverso de:



a) 200 ⟶

b) 0,3 ⟶

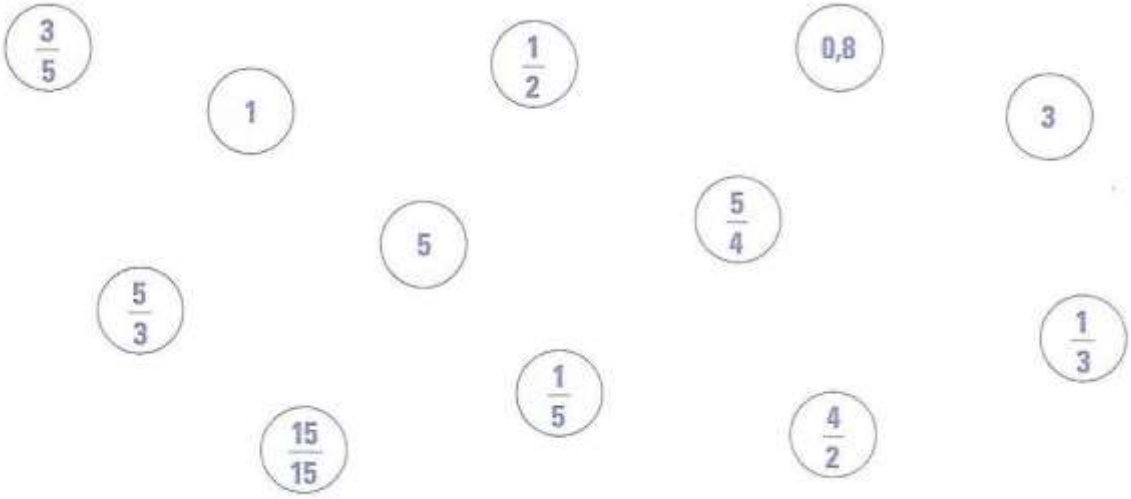
c) $\frac{15}{20}$ ⟶

d) $\frac{3}{100}$ ⟶

e) 2,35 ⟶

f) $\frac{40}{5}$ ⟶

2- Une por uma linha as representações de números inversos.



3- Completa de modo a obteres afirmações verdadeiras:

3.1. $\frac{1}{5} : \frac{3}{2} = \square \times \square =$

3.2. $\frac{6}{7} : \frac{1}{4} = \square \times \square =$

3.3. $\frac{2}{3} : 4 = \square \times \square =$

3.4. $\frac{3}{4} : \frac{10}{2} = \square \times \square =$

4- Cinco chocolates foram igualmente divididos por três meninos.
Indica a parte que coube a cada menino.

Cálculos: **R:**

5- Um garrafão de 5 litros de água foi dividido por canecas de meio litro ($\frac{1}{2}$ l).

Quantas canecas se encheram?

Cálculos: **R:**

Bom trabalho!

Aluna Estagiária do Mestrado de 1.º e 2.º ciclos: Patrícia Teixeira

Anexo 7 - Dispositivo de avaliação de Ciências da Natureza

Escola Pública de Lisboa

Nome: _____

N.º: ____ Ano: ____ Turma: _____ Data: _____

Ficha Formativa de Ciências da Natureza

As plantas e a variação dos fatores do meio

1. *As plantas defendem-se das alterações climáticas de várias maneiras.*

1.1- A figura mostra como algumas plantas reagem aos rigores da estação fria.

Na lista de transformações que se segue, regista, em cada espaço, o número da planta que lhe corresponde.

A- Conserva toda a planta. _____

B- Morre toda a planta. _____

C- Conserva só a raiz. _____

D- Perde só as folhas. _____

E- Conserva algumas folhas e a parte subterrânea. _____

F- Perde a parte aérea e conserva o caule e a raiz. _____

1.2- Qual foi o fator do meio que levou às transformações representadas na figura?

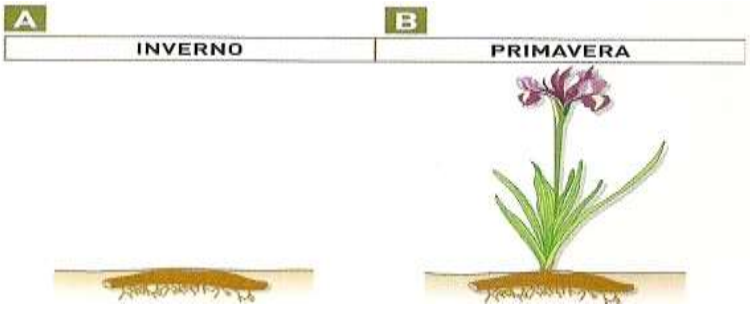
_____

2. Refere uma alteração que se observa em muitas árvores ao longo do ano.

_____

_____

3. Os esquemas A e B referem-se à mesma planta em duas épocas do ano.



3.1- Das frases que se seguem, assinala, com um X, a que explica a diferença de aspetos observada.

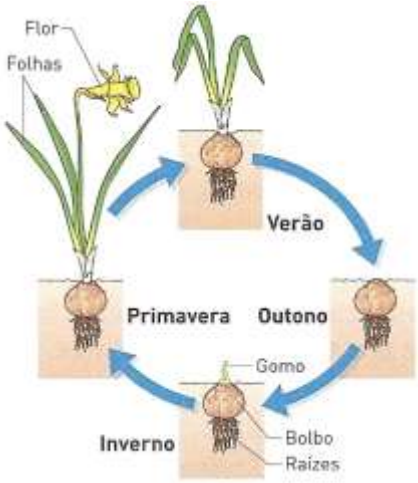
- Os rizomas são caules subterrâneos que acumulam substâncias de reserva. _____
- Os rizomas têm uma forma alongada e apresentam folhas escamiformes. _____
- As plantas com rizomas perdem a parte aérea para resistirem a temperaturas desfavoráveis. _____
- As plantas com rizomas produzem flores. _____

4. A figura representa as transformações do junquilho ao longo do ano.

4.1- Em que época do ano se apresenta o junquilho mais desenvolvido?

_____

_____



4.2- O que acontece à planta da primavera para o verão?

_____

_____

4.3- Que órgãos apresenta a planta no outono?

_____

_____